

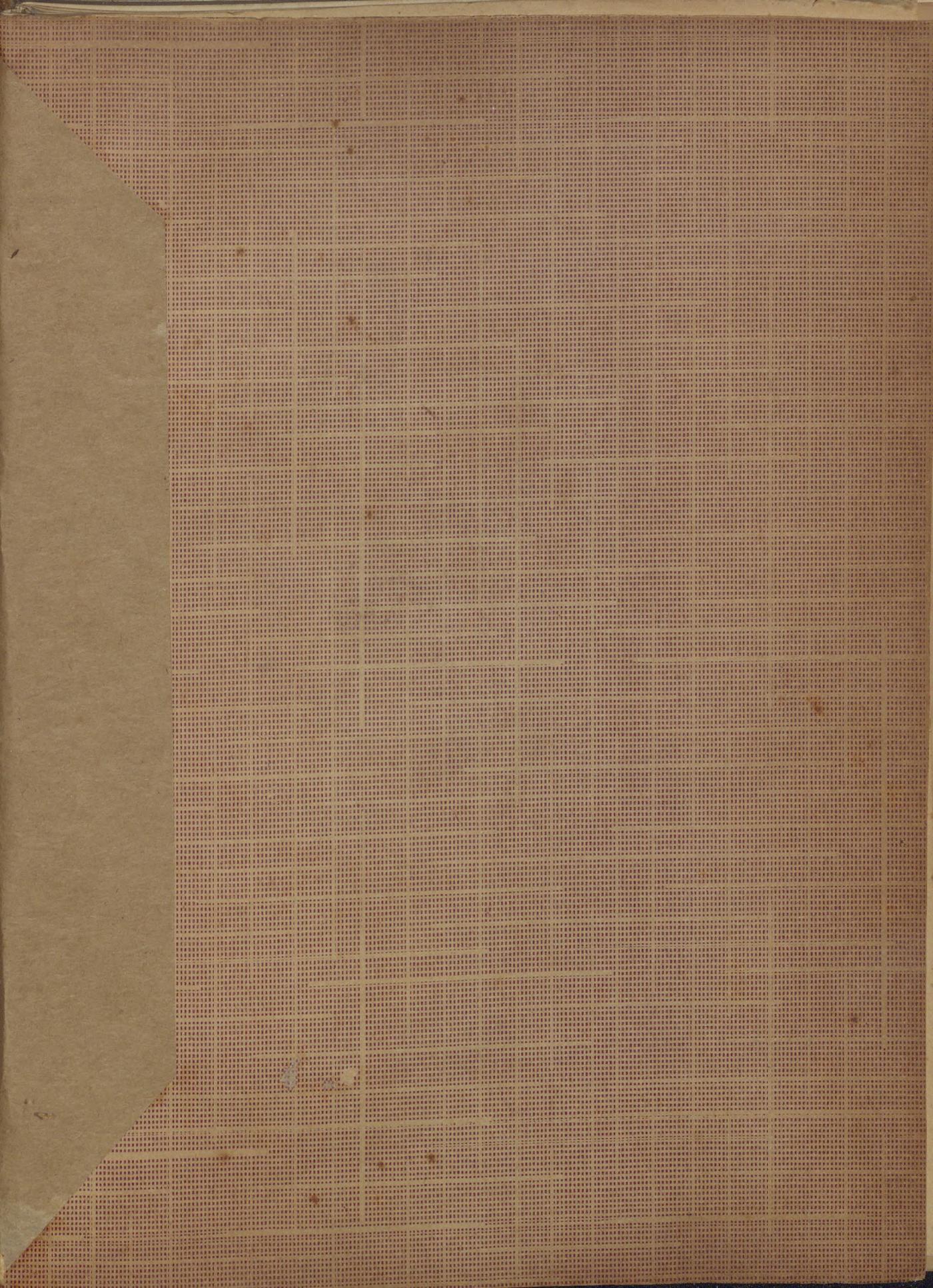


53

UNIVERSIDADE
BRASIL



ALBERTO LIMA, ADAP. RIO, 1954, N.º 350



1878-79
1879-80

132

JOSE MARIANNO (FILHO)

ANTIGO DIRETOR DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES
EX-PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL

O Passeio Público do Rio de Janeiro

1779-1783

Pub. Central

OR
918.153
9m 333p

V65

RIO DE JANEIRO
1943

Bibl. Central

53-605

n. int. 363358

cod. barras: 369491-10



A presente monografia, — a segunda da série consagrada à obra de Valentim da Fonseca e Silva — é dedicada ao Passeio Público do Rio de Janeiro, empreendimento de grande envergadura urbanística, executado sob a administração do benemérito Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos e Sousa, no último quartel do século XVIII.

Através das referências dos mais antigos cronistas brasileiros, e dos viajantes estrangeiros do século XIX, poderá o leitor aferir a importância daquele empreendimento urbanístico. De fato, o Passeio Público era até a primeira metade do século XIX, a única obra urbana realizada para gozo da população. Obra só superada mais tarde, quando o arquiteto de jardins Augusto Glaziou delineou em escala monumental os dois magníficos parques urbanos que se chamaram Campo de Sant'Ana e Quinta da Boa Vista. Com o aterro da gambôa do Boqueirão da Ajuda, recuperou o diligente Dom Luiz de Vasconcellos e Sousa uma área aproximada de vinte hectares, provocando o primeiro movimento de urbanização da zona Sul da cidade. O que resta do maravilhoso parque ideado por Mestre Valentim, não poderá transmitir aos habitantes da cidade a impressão de sua importância urbanística no começo do século XIX, quando a população não possuía as praias que se tornaram a "coqueluche" das gerações modernas. Comprimida em ruasinhas de quatro braças craveiras, a população se desabafava no umbroso parque de cujo belvedere se descortinava a baía de Guanabara. Com o correr do tempo, o Passeio Público perdeu a expressão urbanística inicial. Despojado da clausura, dos elementos orna-

mentais, da vegetação, e por fim do belvédere, só pôde inspirar compaixão o parque que enobreceu a cidade desde fins do século XVIII até meados do século subsequente. Hoje, nem sequer a água dos lagos é renovada. Suprimiram-se as plantas aquáticas que durante muitos decênios ali se encontravam. Alguns viajantes deploraram em pleno século XIX que os poderes públicos deixassem de zelar pelo único parque da cidade. Que diriam eles hoje, se lhes fosse possível contemplar os destroços da curiosa composição de Mestre Valentim?

A finalidade do presente estudo, não é sugerir aos poderes municipais a reintegração histórica do Passeio Público de acordo com a documentação recolhida. A mentalidade do povo não suportaria tal iniciativa. Mas, alguma coisa se poderia fazer em favor do velho parque abandonado. A Fonte dos Jacarés poderia ser recomposta com o pequeno "outeiro" povoado de aves aquáticas; um "serafim" de mármore, ou mesmo de bronze, poderia substituir o grotesco boneco fundido em 1841, com as aparas dos encanamentos de chumbo da cidade. Árvores belas de nossa flora substituiriam as decadentes árvores exóticas plantadas em várias épocas por funcionários ignorantes; as esguias pirâmides, despidas do tapete de hera, que lhes mascára a estrutura, voltariam a enobrecer o recinto do parque; os bustos de poetas, literatos e jornalistas seriam redistribuídos pelos novos jardins da zona Sul. O mérito aliás diminuto de meu trabalho, é tornar possível a comparação do Passeio Público nos primeiros anos do século XIX, com o estado a que o reduziram os administradores da cidade.

JOSÉ MARIANNO (FILHO)

I

A charneca compreendida entre o antigo Convento da Ajuda e o Largo da Lapa era, por volta de 1779, quando Dom Luiz de Vasconcellos e Souza assumiu o poder, um dos sítios mais imundos do pequeno burgo colonial. Habitações de vários portes se haviam levantado ao longo do estreito caminho que fugindo do Boqueirão da Ajuda, caminhava pelo talude do Outeiro das Mangueiras, que dominava então grande parte da área que veio a ser ocupada posteriormente pela rua das Belas Noites. Mais perto do mar, em contacto com a infécta Lagôa do Boqueirão da Ajuda (1), algumas habitações desarrumadas ostentavam alvos muros de “defensa”, tomando ares impertinentes de quintas minhotas. O contorno irregular dessa charneca imunda, representada por um arco, cujas pontas se prendiam aos tratos distantes de terra firme — de um lado o Campo da Ajuda, e do outro a Lapa — não fôra corrigido ou concertado pelas administrações anteriores. O próprio lixo das habitações, depositado desordenadamente aqui e ali, se incumbia de consolidar aos poucos as margens lodacentas, de onde emergiam as raízes dos mangues primitivos.

(1) — A princípio, a gambôa se chamava “Lagôa Grande”. Estendia-se do ponto onde se construiu em meados do século XVIII o convento da Ajuda, à Lapa do Desterro, nas fraldas do Morro de Santa Teresa. Toda a área que veio a ser ocupada pelas ruas do Passeio, Barbonos (Evaristo da Veiga), Marrecas, enfim todo o bairro da Lapa não existia, quando Dom Luiz de Vasconcellos deu início ao aterro da Lagôa do Boqueirão da Ajuda. O caminho para a zona Sul fazia-se a princípio pela encosta do Morro das Mangueiras (Santo Antônio) continuando-se depois dos Arcos pelo caminho que formou mais tarde a atual rua Joaquim Silva. Esse caminho se chamou anteriormente Caminho do Desterro, e Estrada dos Arcos Velhos da Carioca.

Arrebetados os canos (2) gerais do rudimentar serviço de águas, em virtude de grossas enxurradas, veio a agravar-se a situação, já de si precária, da salubridade pública. Violenta epidemia irrompêra bruscamente. O Vice-Rey, Mestre Valentim, e o pintor Leandro Joaquim, foram atingidos pelo mal contagiante, sendo que este veio a sofrer depois sérias perturbações motoras em consequência da moléstia desconhecida (3). Tendo poucos meses antes falecido em Lisbôa atacada do mesmo mal a famosa cantora veneziana Zamperini, cujo fama chegara até ao Rio de Janeiro, o povo, irreverente como sempre, passou a chamar "Zamperina" à epidemia bruscamente irrompida entre nós.

Não foi positivamente um mar de rosas, o início do governo do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos, a cujos ouvidos chegavam diariamente as súplicas desesperadas de seus jurisdicionados, clamando — não sem justas razões — contra o deploravel estado sanitário da terra. Todos os males que afligiam a população, supersticiosa e ignorante, eram atribuidos pelos "físicos" mais entendidos, às emanações pestilentas e deletérias que se escapavam dos inúmeros focos de imundície amontoados despudoradamente pelas ruas. Extintos os focos pestilentos de onde promanavam as

(2) — Chamavam-se "canos" os encanamentos cilíndricos de terracota hoje conhecidos por "manilhas". A princípio vieram de Portugal, sendo depois fabricados na Baía. Por extensão chamavam-se "canos" aos condutores de água em geral.

(3) — As febres que acompanham os processos gripais, as produzidas pelo impaludismo, desde as benignas, às graves ou terças, as do grupo tífico e para-tífico, ou ainda a febre amarela, eram tratadas como entidades mórbidas. As febres dos grupos tíficos e para-tíficos eram chamadas "de mau carater". Sob o ponto de vista epidemiológico, a noção corrente era que as febres se originavam das emanações deletérias dos pântanos criadores de miasmas ("*mal'aria*" dos italianos). A epidemia de 1779, à qual pagaram tributo o Vice-Rey Luiz de Vasconcellos, o pintor Joaquim Leandro e Mestre Valentim, devia ser gripe, igual à que nos visitou em 1918, apelidada pelo povo a "hespanhola". Nas formas gripais que interessam o sistema nervoso, com intoxicação violenta do bulbo, são frequentes os distúrbios de locomoção, pseudo-paralysias, etc.

exalações deletérias, estaria a cidade libertada do seu maior flagelo. Era enfim, uma luta contra a *mal'aria*, fonte de todos os males, origem de todas as desgraças.

Foi primeiro cuidado de Luiz de Vasconcellos preocupar-se com o saneamento da cidade. O problema mais grave, aquele de que os antigos administradores prudentemente se esquivaram, estava, por assim dizer, na ordem do dia. Era o assunto do momento. Aterrorar o imenso saco da Lagôa do Boqueirão da Ajuda; recuperar por meio de aterro a grande área alagadiça, sujeita, ainda, grande parte dela, ao fluxo das marés altas; estabelecer a ligação direta entre a Ajuda e a Lapa; promover o remembramento de toda a área conquistada, cordeando com a devida orientação as ruas do novo quarteirão; construir um grande parque de desafogo para a população ensardinhada em vielas irrespiráveis; eis o programa que se lhe impunha. Mas a empresa era audaciosa. Por muitas centenas de metros se estendia em arco a charneca lodacenta. A quantidade de terra necessária ao aterro daquele abismo de lodo era cousa de tal vulto, que os antigos Vice-Reys fizeram vista grossa sobre o assunto, entretendo a população a todo custo, fazendo-a esquecer por longos anos aquilo que ela mais insistentemente desejava. Resolvido a atacar de frente o problema, com ânimo feróz se atirou a êle, sem medir consequências da empresa que ia tentar. O Outeiro das Mangueiras, cujo talude vinha esparramar-se mais ou menos a meio do espaço compreendido entre a rua do Passeio e a antiga rua dos Barbonos, oferecia favoráveis condições de desmonte. Era preciso iniciar as obras sem demora. Mas, quem lhes assumiria a direção? Algum engenheiro militar reinól, especializado em obras de defesa? O Marechal de campo sueco Jacques Funck, com uma opulenta folha de serviços prestados a vários países europeus, contratado pela Metrópole para consertar o plano geral de fortificações, desenvolvido aos trancos, desde os tempos idos de Mem de Sá? Não. Para dirigir essas obras de excepcional relevância, convidou o Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos com grande espanto de seus reais vassallos, o mulato Valentim da Fonseca e Silva, educado em Por-

tugal, onde se instruíra com o mais esmerado preparo na arte de ornamentação sacra (4).

— Uma temeridade do Senhor Vice-Rey! Com que então, dá-se de mão beijada a um mulato abridor de ornatos do Carmo, obra grossa de engenharia! Valha-nos El-Rey, que as cousas andam pelo avesso nessas terras perdidas de Portugal!

E quando o Vice-Rey, gorduchão, puxava solenemente a tabaqueira de ouro, ao lado de Valentim, todos lhe vinham beijar servilmente a mão todo poderosa. Valentim, embrulhou os seus goivetes e formões, e passou a se consagrar de corpo e alma ao novo officio real. Dominar a charneca imunda, e nivelar o terreno, foi sua primeira preocupação. A obra era de grande envergadura, e Luiz de Vasconcellos ao lhe dar início, não possuía fundos ou dotações especiais para custear as vultosas despesas que se faziam necessárias. A cidadela vivia superlotada de vadios de cabeleira arrogante e ares den-
gosos, tocadores de violão, que se haviam habituado à inebriante indolência tropical. O Vice-Rey mandou recolher todos esses malandrões ao quartel da Ilha das Cobras. Obrigou os que tinham officios a trabalhar, e o dinheiro apurado com as obras que realizavam era aplicado nos vários serviços do Passeio Público. Os que não possuíam officio foram presos, e compelidos a trabalhos braçais. Assim pôde o diligente Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos, que não possuía verba especial para a realização do notavel empreendimento, levá-lo a cabo, com o menor dispêndio para o Real Erário.

À proporção que o aterro avançava na direção do mar, minguava a olhos vistos o famoso Outeiro das Mangueiras. Um formigueiro de gente levava sem parar o barro vermelho do morro escalavrado à direita, à esquerda, em todas as direções. O terreno se consolidava aos poucos. Abatia aquí, resistia ali, afundava mais adiante. Ao cabo de um

(4) — Para que Dom Luiz de Vasconcellos tivesse confiado a Valentim da Fonseca as obras gerais do Passeio Público do Rio de Janeiro, seria indispensavel que êle tivesse obtido em Portugal precisas informações sobre a capacidade profissional do artista patricio, que ali passara sua mocidade.

ano de labôr continuo, a parte central estava conquistada. Então o aterro se estendeu para os lados da Ajuda, esparramando-se em direção da Lapa. Já não havia a menor dúvida. A obra não podia parar. O mulato, cujo crescente prestígio alarmava os aulicos reinóis, andava ao lado do Vice-Rey, trocava idéias, insistia, calava, vencia. Mas a obra continuava, sob sua exclusiva direção. Entrementes, cuida o Vice-Rey, depois de feita a locação da área destinada ao parque, de fazer o remembramento de todo o quarteirão. Marca-se a rua do Passeio, fronteira ao parque; por trás, à beira do talude do Outeiro das Mangueiras fez-se logo que o desmonte o permitiu, o cordeamento da rua que se chamou dos Barbonos (5). Várias das antigas habitações dispostas irregularmente em torno do Boqueirão da Ajuda, de sinuoso contorno, vieram a sofrer seriamente com o novo cordeamento adotado para todo o quarteirão, agora recomposto em virtude das obras realizadas. Desapareceram os muros de antigas chácaras, dispostas com alinhamento defeituoso sobre a borda irregular do antigo Boqueirão da Ajuda, de triste e lodacenta memória (6).

Terminados os trabalhos preliminares de aterro e nivelamento da grande área recuperada, começou para Valentim a parte mais árdua da tarefa que lhe confiara o Vice-Rey

(5) — A princípio chamou-se “Rua das Belas Noites”. Depois de inaugurado o Chafariz das Marrecas (1785), tomou o nome de “Rua das Marrecas”. Chamou-se depois “Rua Barão de Ladário”. Atualmente é a rua “Navarro da Costa”. O nome de Mestre Valentim, o único que lhe cabia, jamais foi lembrado.

(6) — O Desembargador VIEIRA FERREIRA (*Antigas Inscrições do Rio de Janeiro* (1929) a quem se devem as versões para o vernáculo das mais importantes inscrições antigas da cidade, ao traduzir a que se refere ao Chafariz das Marrecas formula a hipótese inaceitável, de que a área do Passeio Público tivesse sido anteriormente às obras realizadas por Dom Luis de Vasconcellos maior do que veio a possuir na época em que foi inaugurado. O referido historiador teria chegado àquela conclusão, em virtude da referência do texto latino a “*um horto transformado em rua com a demolição dos muros*”. Ora, a área em que veio a instalar-se o Passeio Público em 1783 virtualmente não existia. Sua recuperação foi feita à custa do aterro da gambôa que formava o Bo-

Dom Luiz de Vasconcellos. Uma série de complexos problemas se lhe impuzeram imediatamente ao espírito. O terreno estava completamente nú, despido de qualquer vegetação. O mar se arrojava em fúria sobre a parte posterior do parque devorando aos poucos o aterro mal consolidado. A primeira cousa que se impunha, era a construção de grossa muralha de proteção — verdadeiro cais — na linha dos fundos. Deu-se prontamente início às obras, enquanto o artista fazia o levantamento da área interna do parque, dispondo o arreamento respectivo, e tratando-o em linhas geométricas à moda do Jardim Botânico de Lisbôa.

A primeira rua traçada nada mais era que o prolongamento daquela que se chamou a princípio da “Belas Noites”, e posteriormente das “Marrecas”, a qual partindo mais ou menos do centro da rua dos Barbonos, continuava em linha reta (embora com a secção diminuída, desde que transpunha o portão) até o paredão interno do parque, onde encaixou o artista o célebre grupo dos Jacarés, e respectiva cascata. Ao lado dessa rua central interna, elevou Valentim duas pirâmides de granito cercadas por pequeno lago (7). No espaço livre que antecedia o grupo escultórico

queirão da Ajuda. Ao rebordo irregular da gambôa vinham ter os muros de habitações privadas. Na extremidade norte a terra firme era cercada pelo muro do Convento das Religiosas da Ajuda. A derrubada desse muro, ao qual se refere a inscrição, tornou-se indispensavel ao remembramento do quarteirão. Com a abertura das ruas do Passeio, Barbonos, e Belas Noites, a área pertencente às Religiosas da Ajuda ficou consideravelmente reduzida, tendo caído os muros na parte fronteira ao Convento. O Padre LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS descreve em 1825 o estado do quarteirão, remodelado com a instalação do parque e abertura de ruas adjacentes:

“A rua dos Barbonos, assim chamada pelo Hospicio dos Missionarios Capuchinhos, se estende desde o Largo da Ajuda até quasi a ladeira de Sancta Theresa; não se acha ainda borda toda de casas por ambos os lados, pois no principio corre pela esquerda o muro da cerca das Religiosas da Ajuda, até a frente do portão do Hospicio dos Barbonos”.

(7) — As pirâmides não faziam parte do projeto original de Valentim, tendo sido incluídas no parque por ordem de Dom José de Castro, Conde de Rezende, em 1794.

dos jacarés, foram postas duas grandes mesas de cantaria lavrada e respectivos bancos para gozo do público. Uma outra rua de igual importância vinha cruzar em ângulo réto a rua principal, provocando a formação no ponto de intersecção de uma pequena praça. Outras ruas secundárias, dividiam a área do parque numa série de losangos de vários tamanhos, separados entre si por outras ruas secundárias de secção reduzida. Toda a área interna do parque era isolada dos muros da clausura por uma rua contínua arborizada especialmente com palmáceas. A parte posterior do parque que dava sobre o mar era elevada, constituindo o belvedére conhecido pelo “terraço do Passeio Público” (8).

O belvedére, cujo comprimento era igual à linha dos fundos do parque, tinha pouco mais de dez metros de largura, em corte transverso. O chão era pavimentado com mármore policromo (Lióz, preto, e rosa). À custa da espessura dos parapeitos, construiu Valentim uma série de sofás de alvenaria, divididos por pilastras rematadas por “compoteiras” de granito, iguais às dos muros externos do jardim. Parapeitos e sofás, eram revestidos de azulejos policromos de inspiração mourisca. Na parte central da linha dos fundos, os parapeitos de alvenaria eram substituídos por secções de gradil de bronze, vendo-se ao centro o busto de Fébo, em mármore. Nas extremidades do belvedére erigiram-se dois pavilhões quadrangulares: o da direita, sob a invocação de Apolo; o da esquerda, sob a de Mercúrio. Valentim se incumbiu apenas da parte arquitetônica desses dois pavilhões, confiando a decoração interna a dois ornamentistas famosos. O de Apolo, colocado à direita do belvedére, foi

(8) — O *belvedére* do Passeio Público demolido na administração do Prefeito Carlos Sampaio para a construção do Casino Beira-mar sempre foi conhecido por “o terraço”. O Padre LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS adotou o vocábulo usado pelo povo, aliás grafado *terrasso*. O vocábulo de origem árabe (*verandah*) é comumente usado em arquitetura para designar peças abertas, porém ligadas às habitações. O terraço do Passeio Público sempre foi aquilo que os italianos chamam *belvedére*, lugar especialmente preparado para descortinar a paisagem.

entregue a Francisco Xavier Cardoso (9) por automasia "Xavier dos Pássaros"; o da esquerda sob a invocação de Mercúrio, coube a Francisco dos Santos Xavier (10) alcunhado "Xavier das Conchas". Da pintura mural de ambos os pavilhões se encarregou o pintor Leandro Joaquim (11). Os pavilhões possuíam duas portas envidraçadas, uma para o lado da terra e outra para o lado do mar. Ao invés de rematar os pavilhões — com era de uso na época — com beiral de telhas, Valentim lhes impôs elegante platibanda, decorada, nos pontos angulares com vasos de mármore, de onde emergiam abacaxis de metal, pintados com as côres que lhes são próprias. Os pavilhões eram rematados respectivamente pelas estátuas de Mercúrio e Apolo, em mármore português. O pavilhão de Apolo teve o tecto dividido em quartéis desiguais: um central, quadrado, e os restantes em número de quatro, trapesóides. A ornamentação desses espaços livres se compunha de arabescos, ramalhetes

(9) — Francisco Xavier Cardoso Caldeira confundido por MOREIRA DE AZEVEDO (*Pequeno Panorama*) e JOAQUIM MACEDO (*Um Passeio Pela Cidade do Rio de Janeiro*) com FRANCISCO DOS SANTOS XAVIER, era uma espécie de taxidermista amador em cuja cabeça se encasquetou a idéia de fundar um Museu de História Natural. De fato, com a ajuda preciosa de Luiz de Vasconcellos, manteve no campo da Lampadosa, que ainda possuía na época trechos alagadiços, uma espécie de oficina para empalhar aves brasileiras que eram em seguida enviadas como grande curiosidade a Portugal. A força de lidar com aves foi alcunhado "Xavier dos Pássaros". Refere JOAQUIM M. DE MACEDO que das janelas da Casa dos Pássaros os auxiliares de Xavier matavam as aves que vinham pousar na pequena lagôa que ocupava o lugar onde se construiu no século XIX a Igreja do Sacramento. A Casa dos Pássaros deixou de existir para funcionar o predio do Erario Real, transformado depois no Thesouro Nacional. O museu Nacional creado por D. João VI, teve na modesta "Casa dos Pássaros" a cargo de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, a sua fase preparatória.

(10) — FRANCISCO DOS SANTOS XAVIER, por autonomasia "Xavier das Conchas" nasceu no Rio de Janeiro, a 5 de Julho de 1739. Era filho de Veríssimo dos Santos e de D. Inácia de Arão, e seguiu a carreira militar. Em 17 de Outubro de 1787 foi promovido pelo Vice-Rey Luiz de Vasconcellos ao posto de Go-

e flores feitas com penas de pássaros indígenas, sendo branco o fundo da composições. Ornatos mais vigorosos também compostos com penas de aves decoravam as padieiras das portas.

No pavilhão de Mercúrio esforçou-se o cascadeiro "Xavier das Conchas" por apresentar trabalho ainda mais interessante do que o seu competidor. O programa ornamental desse pavilhão era marítimo. Sobre um fundo geral azul, formavam-se quadros cuja ornamentação era obtida por toda a sorte de conchoides do Cabo-Frio, búzios, mariscos, conchas pequenas e grandes. Caramujos de todos os gêneros formavam combinações bizarras. Nas sobre-portas, encaixou o decorador ornatos em forma de peixes, também arranjados com auxílio de conchas de nossas praias. O efeito ornamental desses pavilhões devia ser simplesmente grotesco. Mas o povo achou-os admiráveis. Devia ter havido maiores admiradores para as flôres de penas de tucano e

vernador da Fortaleza da Conceição do Rio de Janeiro, com o posto de Tenente-Coronel. Em ato de 13 de Fevereiro de 1789 a Rainha D. Maria I confirmou o seu posto. Foi reformado a 15 de Julho de 1790 pelo Vice-Rey Conde de Rezende no posto de Capitão. A 16 de Outubro de 1801 o Conde de Rezende reconsidera o ato, revalida-lhe a patente de Tenente-Coronel e lhe dá de novo o governo da Fortaleza da Conceição. Era homem de fortuna, tendo custeado a fundação de uma fortaleza em Santa Catarina, e dirigido a construção de dois quartéis e um armazem para a Barra do Sul (Santa Catarina). De sua atividade artística, que foi grande, ficaram provas, no Passeio Público, e em várias residências particulares. Foi autor de um célebre Presepe de propriedade do Cônego Philipe, o qual foi colocado no morro do Livramento, residência daquele prelado.

- (11) — ANNIBAL MATTOS (*Mestre Valentim* — 1934) informa que quando foram demolidos, ao tempo de D. João VI os pavilhões quadrangulares primitivos, "*desapareceram os painéis de Leandro de Carvalho*". Os painéis que desapareceram, foram pintados por Leandro Joaquim, contemporâneo, porém mais velho do que Leandro de Carvalho, que por sinal se chamava José. O historiador MAX FLEIUSS (*História da Cidade do Rio de Janeiro*) incorre inexplicavelmente no mesmo erro.

os ornatos grotescos de mariscos, do que para os jacarés feiosos e repelentes.

Para decorar as paredes dos dois pavilhões do belvedére, erigidos sob a proteção de Mercúrio e Apolo, Valentim convidou o pintor patricio Leandro Joaquim. O artista se desobrigou galhardamente da tarefa que lhe fôra confiada, dispondo com espírito decorativo, uma série de cenas de costumes e córtes panorâmicos pelas paredes. O pavilhão de Apolo era decorado com uma série de cenas de costumes do país: um banguê de fabricar açúcar, uma casa de fazer farinha de mandioca, uma vista de mineração de ouro, um canavial, e outras de menor importância. Para a pintura mural do pavilhão de Mercúrio, dado o seu carater "marítimo" reservou Leandro Joaquim um painel onde se representava o incêndio em algumas embarcações ancoradas na baía; uma pomposa cena de parada da tropa no Terreiro do Paço, e algumas vistas panorâmicas locais. As pinturas de Leandro Joaquim foram realizadas diretamente sobre a superfície das paredes internas dos pavilhões, o que lhe dá excepcional interesse artistico. No último quartel do século XVIII, vinte e poucos anos antes da chegada da célebre Missão Artística Lebreton, um modesto pintor patricio que já-mais saíra do país ousava praticar o gênero *affreschi*.

Na face oposta do muro de arrimo do terraço, de encontro ao qual applicara a Fonte dos Jacarés, Valentim desenvolveu modesta composição de granito, destinada a receber o escudo com as armas do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos. No centro dessa composição, resolveu o artista encaixar uma estatueta de mármore, segurando com a mão direita um jabotí, de cuja boca escorria um esguicho de água (12). Sobre o chão do belvedére, colocou o artista um barri-

(12) — Os antigos teimavam em chamar "kágado" ao jaboti que a estatueta primitiva sustinha na mão direita, e de cuja boca jorrava água para o bojo do barril. Ora, o chelônio de que se utilisou Mestre Valentim, a princípio para a fonte do Passeio Público, e posteriormente para o Chafariz das Saracuras era o modesto *jaboti*, animal por assim dizer, doméstico. Aliás, no Lavabo da Sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Rio de Janeiro) atribuido ao referido artista apparece o mesmo elemento ornamental. Devido às diminutas pro-

lote de granito, desbastado por processo manual, com quatro aduelas de bronze, destinado a recolher a água que esguichava da boca do jabotí. O "anjinho" era de mármore, e sustinha uma faixa com a inscrição: *Sou util inda brincando.*

porções do *jaboti*, os viajantes Andrew Grant e Ferdinand Denis o tomaram por pássaro. Informa MOREIRA DE AZEVEDO, que esse segundo boneco de chumbo (que é o atual) empunhava, como o primeiro, um cágado (*jaboti*). Mas não há vestígio de que a estatueta tivesse possuído em qualquer época aquele atributo ornamental. O anjinho de chumbo tem a mão direita "fechada", escorrendo a água de um curto cilindro encaixado verticalmente entre seus dedos. Ora, para que o anjinho pudesse sustentar o jabotí, seria necessário que sua mão estivesse "em concha", ou pelo menos, que ela mantivesse posição diferente. Em nota da tradução da obra de CHARLES RIBEYROLLES sobre o Brasil (*Brasil Pittoresco — 1850*) diz GASTÃO PENALVA em referência ao célebre "boneco" do Passeio Público: "*Obra de Mestre Valentim. Ao que consta o original desapareceu. Existe atualmente no mesmo local uma reprodução em chumbo, de que também era feita a primitiva estatueta*". O primitivo anjinho e o respectivo jabotí que os historiadores chamam cágado, era composto em mármore de Lióz.

I I

A área primitiva do parque era, ao tempo em que foi demarcada por Valentim, consideravelmente maior que a atual. Em virtude de sucessivos reajustamentos daquele logradouro às ruas e praças vizinhas, a área inicial foi sendo aos poucos podada na linha de frente, e nas laterais. Derrubado o malfadado Casino Beira-Mar instalado na área outrora ocupada pelo *belvédère*, perdeu por fim, recentemente, o parque considerável faixa de terra. Ainda nos nossos dias sofreu o velho parque a amputação da área considerável no arruamento da antiga rua do Passeio. Já houve quem se lembrasse de levar a rua das Marrecas à praia, rasgando as entranhas já dilaceradas do malsinado jardim que Dom Luiz de Vasconcellos fez construir supondo que êle seria útil à cidade.

Na época em que foi inaugurado tinha o terreno do jardim a forma de um trapézio, com os ângulos de uma de suas faces fortemente chanfrados. Pela rua do Passeio, possuía o parque oitenta e nove braças craveiras (cento e oitenta e nove metros); na linha média, da soleira do portão à frente dos Jacarés, setenta e quatro braças (oitenta e nove metros e oitenta centímetros). Os altos muros da clausura eram chanfrados nos cantos da rua do Passeio com o Largo da Lapa e o Campo da Ajuda. A linha dos fundos, onde se instalara o terraço, era sensivelmente mais estreita (13).

(13) — Uma linha réta, partindo do centro da Fonte das Marrecas alcançava sucessivamente os seguintes pontos do Passeio Público: a) centro do portão nobre; b) pequena praça central no ponto de convergência das ruas principais do sistema de arruamento; c) centro da Fonte dos Jacarés; d) escudo do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos; e) busto de Febo sobre a amurada do cáis.

Embora desprezado pelos governantes e pelo povo, o Passeio Público, que pode sem favôr ser considerado, depois dos Arcos da Carioca, a maior obra urbanística realizada no Rio de Janeiro por agentes da Metrópole, foi constantemente admirado pelos viajantes do século XIX. Era realmente curioso, que uma aldeia sem higiene, que ainda vivia na ignorância dos mais elementares preceitos urbanísticos, se tivesse dado ao luxo de possuir um nobre jardim com obras de arte aqui ideadas, e postas em execução.

Coube ao viajante inglês John Barrow, em fins do século XVIII, a primeira descrição do Passeio Público (14). As árvores recém plantadas, algumas de lento crescimento, ainda não se haviam desenvolvido completamente. A aridez do jardim deve ter impressionado o viajante. John Barrow implicou (não sem razão), com o enfesado coqueirinho de ferro pintado de verde que Valentim tivera o máu gosto de encaixar entre os calhãos do montículo que forma a gruta dos Jacarés. Pouco entendido em Botânica, o viajante pensou que a arvoreta artificial fosse mamoeiro: "*Que absurdo colocar-se semelhante coisa ali, quando um mamoeiro verdadeiro cresce perto do artificial com todo o vigor característico da vegetação intertropical, e parecia olhar com um sorriso de escarninho o facies rígido de seu pseudoirmão*". Todavia, dominada a cólera despertada pela palmeirinha de ferro que pouco anos depois o Conde dos Arcos teve o bom senso de mandar retirar do recinto do Passeio Público (1806), o viajante inglês subiu ao belvedére e admirou o esplêndido panorama que se lhe abriu aos olhos. John Barrow visitou os pavilhões quadrangulares decorados por Leandro Joaquim, aludindo às cenas pintadas por aquele artista, mas não parece ter gostado das bugigangas de Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros. Vinte e oito anos depois (1820), recebeu o parque de Valentim a visita de outro itinerante inglês: John Luccock (15). A essa época, as árvores já haviam atingido a maturidade. Apesar da belesa do parque, não passou despercebido ao visitante o abandono em

(14) — JOHN BARROW. Voyage to Conchinchina. 1792.

(15) — JOHN LUCCOCK. Notes on Rio de Janeiro and the Southern parts of Brasil. London, 1820.

que ele jazia. “O Passeio Público embora pequeno, é perfeitamente plano, construído em estilo muito afetado e negligentemente mantido e reclama para si o primeiro lugar entre os sítios de divertimento do Rio. A entrada para esse retiro favorito é pela Rua das Marrecas, através de um belo portão, por cima do qual ha um medalhão da Rainha com seu finado marido, Dom Pedro. Pela frente desse portão, a alameda principal se estende até um terraço, no lado oposto do jardim, elevado de cerca de dez pés acima do nível natural do terreno. Em frente dele ha uma gruta artificial, coberta de vegetação, em meio da qual se vêem engalfinhados dois jacarés de bronze, de cêrca de oito pés de comprimento. Despejam água da bôca e parecem a pique de mergulhar dentro de um tanque de pedra, em que aquela se precipita. Dalí, a água levada para dentro de dois outros tanques ao nível do chão, um de cada lado da alameda, por detrás dos quais existem compridos bancos de pedra, ensombrados por bellissimas árvores e plantas sustentadas por treliças de madeira, onde sob o abrigo da flôr de maracujá, os trigueiros brasileiros gozam o luxo de uma atmosfera fresca. Bem junto dalí, erguem-se duas esguias pirâmides de granito, de bôas proporções e bem lavradas, com inscrições adequadas. Em cada extremidade da esplanada há um amplo lance de degraus; perto do tópo do que fica à esquerda, acha-se a pequena estátua de um cupido risonho e alado que com os pés se apóia numa tartaruga terrestre, através de cujo corpo a água se despeja num pote de granito, em baixo, provida de uma concha que convida os sedentos a beberem. Sobre uma pequena taboleta, frouxamente enroscada ao redor do braço direito, acha-se pintada a seguinte divisa alusiva: “Ainda brincando sou útil”. A singeleza da sentença, o garbo da figura, e o frescor proveniente da bebida que fornece, agradam a tôda gente e frequentemente inspiram um sorriso. O terraço tem cêrca de cem jardas de comprimento e largura proporcionada, calçado num xadrez grosseiro de granito de várias côres e provido de assentos. Para o lado do mar possui um parapeito, sobre o qual se acham vasos com plantas e flôres; para o lado do jardim uma balaustrada de pedra bem talhada. Em cada extremidade há um pequeno quiosque ornamentado de pinturas e douração. O formato inter-

no dêles é otogonal, com quatro janelas de vidro e um par de portas de dobrar. O principal da mobilia consta de uma cadeira dourada de estilo antiquado, em cada divisão, achando-se a mais distante da porta soerguida sôbre um estrado baixo e servindo, antes, como uma espécie de trono para os poderosos e distintos. A cobertura é formada por uma pirâmide otogonal, sôbre cujas faces, do mesmo modo que nas partes superiores dos compartimentos internos, se vêem pinturas. As de um dêsses edificios representam as produções do país: plantações de anil, algodão e açúcar, mandioca e milho, bem como as respectivas colheitas, maneiras e maquinismos por meio dos quais são êles trazidos ao ponto de vender. No outro se encontram representações de cenários do Rio e de alguns fatos notáveis da historia da cidade; da entrada da baía, tal como é vista dêsse mesmo sítio; da maneira de apañhar baleias no pôrto, antes que elas dali tivessem sumido; de vistas de terra e do estado em que o local se achava antes de o terem transformado em jardim. Nesse quadro, os objetos mais dignos de nota são o convento de Santa Teresa, a velha casa branca, por causa da qual os habitantes da cidade são cognominados de "cariocas", e os arcos do aqueduto, por baixo dos quais se vê fluir um verdadeiro rio. Acha-se tambem representado um boi atravessando a corrente e mostrando que o canal devia ter tido água até cerca do joelho; tal era, ao que me comunicam, o estado do local, alí por 1750, coberto d'água então; e agora ocupado por êsse jardim e várias ruas boas. Outra das divisões representa um combate naval, tendo lugar na baía, cujo cenário não nos pôde enganar; é certo que se trata do Rio, mas os navios inimigos levam as côres da Holanda e eu não conheço fato algum na historia do lugar ao qual essa situação se possa aplicar. Desconfio que por uma pequena trama de falsidade e de gabolice, aos quais os cariocas não são nada avessos, tiveram êles a intenção de se apropriar das glórias da Baía. O último painel do zimbório representa o incêndio de uma grande nave holandesa; alguns escaleres estão a rebocá-la longe do restante da esquadra que se acha colocada por trás da Iha das Cobras; rodeando por junto da ponta leste dessa ilha, deve achar-se próxima da Ilha dos Ratos. Da banda oeste dêste

último rochedo, jazem atualmente a quilha, o talha-mar, cadastes e alguns dos braços do cavername de um navio que dizem ser os restos daquele mesmo. Esses restos, cobertos de ostras, podem ser alcançados sem perigo, com tempo bom, embora quasi que de todo cercado de rochedos (16).

Carl Seidler (17) encontrou o Passeio Público em estado deploravel: “Alamedas densamente enramadas aqui oferecem farta sombra e fresca. Muro de dois a três pés de altura cerca o jardim, muro num e noutra ponto interrompido por grade de ferro; mesmo os portões são de ferro maciço. No interior, atrás de espessa cortina de fôlhas há duas fontes e na bacia de cada uma levanta-se um obelisco de pedra; mas as fontes secaram e os obeliscos tremem de medo de sua derrocada iminente. Assim é tudo no Brasil! luxo e pompa só se apresentam no mais próximo presente; são borboletas que nascem e morrem no mesmo dia. Atendendo a um capricho do momento, desperdiçam-se as maiores somas, e o que hoje se constrói, amanhã se deixa arruinar. Do lado do mar o jardim é protegido por parapeito de alvenaria contra a invasão das ondas, que neste lugar, ao menor vento, vêm quebrar-se com estrondo contra êsse muro e os matacões que o precintam. A vista de cima dêsse parapeito é indescritivelmente bela; bem em frente fica a barra, onde projetadas nas nuvens azues brilham as velas brancas, como asas de cisnes, dos navios que incansavelmente entram e saem. Centenas de botes e canoas remam constantemente para um lado e para outro, segundo suas diversas fainas e esperanças; serenas e imponentes emergem do seio das ondas espumantes, diante de nosso olhar maravilhado, as nume-

(16) — O depoimento de JOHN LUCCOCK acerca do célebre boneco de mármore esculpido por VALENTIM DA FONSECA é simplesmente desconcertante. De acordo com as referências dos melhores abonadores, o boneco (nome dado pelo povo à estatueta), sustinha na mão um jaboti, de cuja boca, escorria a água recolhida pelo barrilote de granito depositado sobre o chão do belvedère. Segundo informa JOHN LUCCOCK, o boneco apoiava os pés sobre uma tarturaga terrestre (jaboti), fato não confirmado posteriormente. Os dizeres da legenda, *Sou util inda brincando* foram também alterados pelo viajante inglêz.

(17) — CARL SEIDLER. Dez anos no Brasil. 1835.

rosas ilhas e as fortificações; e nos olham as tôrres das igrejas da cidade imperial, advertindo-nos com suave tanger de sinos. É como se recebêssemos de longe uma saudação de espíritos, e temos a sensação de que um coração humano esperançoso não pode ser simples átomo no grande todo do universo. Aliás este Jardim Público, que deveria ser o orgulho dos cidadãos do Rio, nos últimos anos tem sido negligenciado de maneira imperdoável. O povo brasileiro ainda não tem compreensão para nada que é público ou de gozo coletivo. Alguns negros velhos, talvez cinco ou seis, que de jardinagem não entendem mais que de cristianismo, são aqui empregados com a dupla dignidade de guardas e jardineiros. Durante o reinado do Imperador era bem diferente, tudo era conservado em ordem; nos canteiros recortados com graça ostentavam-se as mais lindas e raras flôres, e a mais leve brisa que deslizasse por baixo da alta coberta de fôlhas comunicava às ondas marinhas o seu inebriante perfume. Agora não se encontra em todo o jardim outra flôr que não desabrochada das ervas que brotam espontaneamente”.

Em 1828 passou pelo Rio de Janeiro Robert Burford (18). A visita ao Passeio Público era obrigatória. “O Passeio Público possui uma área pequena, e obedece a um traçado geométrico. A entrada faz-se por um belo portão à rua das Marrecas. A rua principal parte deste portão e vai ter à extremidade oposta do jardim, onde se ostenta uma gruta de dez pés de altura com dois jacarés de bronze enlaçados que deitam água pela boca e parecem querer pular no tanque colocado abaixo deles. A água corre depois para dois tanques ao nível do sólo, ficando atrás deles bancos cobertos por caramanchões com treliças ornadas com roseiras sempre floridas, esplêndidas passifloras e outras plantas trepadeiras e ensombradas por mangueiras, jaqueiras e jambeiros. Ao lado, estão duas pirâmides de granito de vértice agudo, e bem proporcionadas, contendo inscrições adequadas. O terraço tem cem pés de comprimento, e é pavimentado em xadrez com pedras de várias côres e possui bancos. O parapeito

(18) — ROBERT BURFORD. Description of a view of the city the bay of Rio de Janeiro. Londres. 1828.

sobre o mar está coberto de vasos de flores. Na sua extremidade há uns pavilhões pequenos e quadrados, que encerram vistas do Rio, paisagens, fábricas, lavouras, ricamente pintadas e enquadradas. Havia outrora uma criação de cochonilhas sobre figueiras da Índia. Está atualmente abandonada. Nas vizinhanças do Passeio Público está o Mercado Novo e do peixe. Junto ao mar tem bom aprovisionamento. No lado oposto papagaios e outras aves de bela plumagem estão expostos à venda com legumes e frutas de todas as partes do Globo”.

Martius (19) visitou o parque quando de passagem pelo Rio de Janeiro em 1817, dando a impressão seguinte: “Junto ao mar, encontra-se o Passeio Público, pequeno jardim cercado de pedras que o defendem do mar. Suas aléas de mangueiras (20), jaqueiras (21), arvore de pão (22) e jambo (23), originárias do oeste da Índia ostentam esplêndidos corimbo de pointiana (24), sendo muito convidativas quando à tarde a brisa marinha suavisa o calor”. Poucos anos depois James Henderson (25) ao visitá-lo anota-lhe a decadência “Os jardins públicos, que segundo alguns viajantes eram muito frequentados e alegres há uns 12 ou 14 anos passados, estão agora inteiramente abandonados e entregues ao desprezo público. Este lugar outrora de gozo publico comprehende mais ou menos dois hectares de terra beirando a bahia, protegidos por alto muro e arruados com elegantes alamedas com arvoredos de variegada folhagem verde. Tem um terraço de pedra com os remanescentes de dois pavilhões e outros ob-

- (19) — J. B. VON SPIX e CARL F. PHIL VON MARTIUS. “Reise in Brasilien”. 1823-31.
- (20) — *Mangifera indica*. Essa espécie originária da Índia foi introduzida no Brasil no começo do século XVIII. Quando se procedeu, em 1779 ao desmonte da aba do morro de Santa Tereza que se estendia em direção ao mar, já aquele sítio era conhecido pelo “Outeiro das Mangueiras”.
- (21) — *Artocarpus integrifolium*. Essa espécie tornou-se silvestre no nordeste.
- (22) — *Artocarpus incisa*.
- (23) — *Jambosa aquea*.
- (24) — *Pointiana regia*. Flamboyant. Originária das Antilhas.
- (25) — JAMES HENDERSON. A History of the Brazil. 1821.

jetos mutilados (26). Não é sem pezar que se deixa este logar tão fresco e agradável, bem escolhido para um passeio público, embora decadente”.

Luiz de Freycinet (27) não deu grande importância ao jardim da cidade. “Na parte sudoeste da cidade, um pequeno jardim publico muito bem composto é embelesado por um lindo terraço dando sobre o mar”. Abel du Petit-Trouars (28) que por aqui passou, a borda da fragata Venus, teve a seguinte impressão do Passeio Público: “O jardim publico situado à borda da bahia é o unico passeio da cidade. Este jardim é pequeno e muito cuidado, e excepto aos domingos, está sempre completamente deserto. Ele seria agradável, se á margem da bahia, sobre o proprio terraço do jardim não fosse como todas as margens do cais, lugar de deposito de imundicies”. O pastor P. Kidder (29) que se deteve na descrição do Chafariz da Praça do Carmo, dedicou poucas palavras ao Passeio Público: “Em lugar bastante ventilado, inteiramente exposto ás brisas marinhas, está situado o Passeio Público, logradouro embelesado à altura de sua importancia como lugar de recreação popular”. Ferdinand Denis (30) é mais generoso na sua apreciação: “O Passeio Público acha-se situado á borda do mar, no bairro Calabouço (31); possui largas ruas limitadas por grandes arvores que fazem uma sombra espessa. As mangueiras, que vem da Índia, as grumixamas que dão fructo encarnado, que tem alguma semelhança com a ginja; os jambeiros (32) que se ornam de lindos penachos brancos, antes de dar seus pomos aromaticos como a rosa; todas essas arvores sem difficuldade crescem ao

-
- (26) — Esses pavilhões, decorados por “Xavier das Conchas” e “Xavier dos Pássaros” foram arrasados em 1817, quando se realizou a primeira reforma ordenada por Dom João VI. Em 1854 foram construidos mais dois pavilhões otogonais no recinto do parque.
- (27) — LUIS DE SOULSES DE FREYCINET. Voyage autour du monde. 1840.
- (28) — ABEL DU PETIT-TROUARS. Voyage autour du monde. 1840.
- (29) — DANIEL P. KIDDER. Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil. 1845.
- (30) — FERDINAND DENIS. Brésil, Colombie et Guyannes.
- (31) — Informação errônea.
- (32) — *Jambosa aequa*.

lado da *cesalpina* (33) e do *bombax erianthos* (34), que ostentam com orgulho suas flores purpureas mui semelhantes ás da tulipa. Pouco mais ou menos no centro do passeio construiu-se um edificio de forma otogonal, onde fazia explicações um professor de botanica (35). Alguns annos ha, cessou esse curso, que ignoramos se ora se acha restabelecido. O Passeio Público é o primeiro estabelecimento em que se viu uma amostra notavel da arquitetura nacional; e o que ha de singular, é que os dois crocodilos que lançam agua num tanque de marmore, são obra de um pobre negro a quem foram encomendados, como dêle se exigira outro trabalho de seu officio. O menino que numa das mãos tem uma passaro (36) que pelo bico derrama agua, é do mesmo modo lavrado por um artista brasileiro; e estes dous grupos atestam que ha nos filhos do Brasil uma propensão inata para as artes”.

A impressão obtida por Charles Ribeyrolles (37) sobre o Passeio Público, por volta de 1850, não foi das mais favoráveis. A essa época, o velho parque ainda não havia sofrido a transformação radical imposta pelo paisagista Glaziou. As árvores de grande porte, plantadas intencionalmente muito próximas uma das outras, ensombravam demasiadamente as aléas estreitas “É um jardim mal cuidado, quasi sem arte, sem cultura. Tem realmente soberbas arvores, como pinheiros, (38), *bombax* (39) e algumas palmeiras de coifa aberta em leque (40). Ali ha frescura, flores e sombra. É como ultima aléa, um magnifico terraço de pedra que defronta a entrada da bahia. Dois pequenos pavilhões otogo-

(33) — Provavelmente a espécie indigena *Caesalpineia ferrea* (pau ferro).

(34) — *Bombacea* indigena.

(35) — FREI LEANDRO DO SACRAMENTO.

(36) — O animal que o primitivo menino sustinha numa das mãos era o jaboti. O inglês ANDREW GRANT julgou que fosse um pássaro. É curiosa a coincidência.

(37) — CHARLES RIBEYROLLES. Brésil Pittoresque 1850.

(38) — *Araucaria brasiliensis*.

(39) — *Bombax erianthos*.

(40) — *Ravenala Madagascariensis*.

naes (eu preferiria dois caramanchões floridos) estão colocados nas extremidades, e no centro, do lado do jardim, sus-surra a agua que se despenha de um anjo (41). Em sua concha, onde um menino se anicha, escorre um fio d'agua sobre o distico: "Sou util ainda brincando" (42). É simples, ingenuo e bem urdido, e vale mais do que os eternos tritões de cabelos verdes, ou as sereias achatadas do jardins da Europa. Ainda lá se encontra um grupo de jacarés que não deixa de ter sua arte, e dois obeliscos que assentam na base de uma escadaria (43). Tudo isso só se descobre mais tarde, depois que a vista exgota as grandes paisagens do terraço, de tudo haver esmiuçado, desde a encantadora ermida da Glória, que se levanta á direita, velando Botafogo com uma cortina de morros, e as pregas do seu manto de folhagem, até a entrada da bahia, sulcada por tantas velas brancas que veem de longe. O terraço do Passeio Publico em noites de verão quando o céu se recama de estrellas, é superior aos balcões de Veneza, a todos os jardins de Granada, sem excluir o dos Reis mouros". Charles Ribeyrolles, que era um poeta, só se apercebeu do lado belo do panorama, para ele tão pitoresco quanto imprevisto.

O naturalista Luiz Agassiz (44) que nos visitou em companhia da esposa, e cujas impressões são quasi sempre excellentes, não se esqueceu de dar uma volta pelo Passeio Público". "É um jardim lindissimo voltado para a bahia; não é

- (41) — A referência às asas da estatueta coincide com as informações de alguns cronistas brasileiros. O modelo seria o de um "serafim," dos que se usavam nas composições toréuticas.
- (42) — Nunca houve concha, onde a estatueta se pudesse aninhar. Quer a primeira escultura (de mármore) quer a que a substituiu (de chumbo) sempre estiveram agarradas à face externa do espaldar da Fonte dos Jacarés. Quanto à informação de que a água caía sobre o distico "Sou útil inda brincando", ela não pode ser verdadeira. A concha provavelmente presa por corrente ao barrilote de granito, serviria para recolher a água procurada pelos visitantes do parque. Aliás, nunca houve outra bica no recinto do parque.
- (43) — Entre os dois obeliscos e o primeiro degrau das duas escadas laterais à Fonte dos Jacarés, há uma distância não inferior a doze metros. A informação é falsa.
- (44) — LUIS AGASSIZ e E. C. AGASSIZ. Voyage au Brésil. 1865.

grande, mas está traçado com muito gosto. Nada mais admiravel que o amplo terraço que se ergue ao fundo e contra o qual se veem quebrar as vagas, trazendo com elas um frescôr bemfazêjo”.

Dentre os historiadores brasileiros, foi o Padre Luiz Gonçalves dos Santos (45) por alcunha o “Perereca” quem primeiro se deu ao trabalho de descrever o Passeio Público, quarenta e dois anos depois de sua inauguração. A essa época, o efeito paisagístico do jardim devia ser admiravel. O depoimento do Padre “Perereca” refere-se ao Passeio Público tal como o concebeu seu creador, Valentim da Fonseca e Silva. Convem fazer essa ressalva porque o Padre alude a certos detalhes que o jardim não possuia na época em que êle o descreveu (1825). Os dois mirantes de figura quadrada a que se refere o Padre, já haviam sido destruidos em 1817, e construidos posteriormente, dois outros de secção hexagonal. O Padre “Perereca” foi o mais repugnante bajulador do Principe Regente Dom João e respectiva corte de fidalgoes ociosos que acompanharam o monarca luzo. Diz o Padre Perereca acêrca do famoso logradouro do Rio de Janeiro: *“O Passeio Público que o Vice-Rey Luiz de Vasconcellos e Souza mandou fazer no tempo de seu governo, occupava huma porção do mencionado campo no lugar em que havia uma lagôa, que com muito trabalho se exgottou, e aterrou; hé cercado de um muro, que de espaço em espaço tem janellas (46) com grades de ferro, e para elle se entra por hum portão que se firma em dois pilares de pedra lavrada. Este portão hé tambem de ferro, em cima estão as Armas Reaes com a face para a rua, e no reverso dellas se vê um medalhão de bronze dourado com as Soberanas Effigies da Rainha Nossa Senhora D. Maria I, e do seu Augusto Esposo o Senhor Rei*

(45) — Padre LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS. Memórias para Servir à História do Reino do Brasil. 1825.

(46) — Os vãos protegidos por grossas rexas de ferro forjado que decoravam o muro que envolvia o Passeio Público não merecem o nome de “janellas”. O Padre LUIS GONÇALVES DOS SANTOS equivocou-se, e bem assim aqueles que o acompanharam. MOREIRA DE AZEVEDO e JOAQUIM M. DE MACEDO, poderiam ter corrigido o erro. Mas ambos aceitaram a descrição mais antiga.

D. Pedro III. Todo o terreno do Passeio está dividido em ruas bordadas de arvoredos, e termina em hum terrasso que olha para o mar, e que algumas vezes hé furiosamente batido por elle, e se vae arruinando. Na frente do terrasso se elevão duas agulhetas triangulares de granito (47) sobre pedestaes tambem triangulares; em huma dellas se lê: "Ao Amor do Público"; e na outra: "A Saudade do Rio". Sobe-se para o terrasso por quatro escadas, das quaes duas estão nas extremidades, e as outras no meio, ficando entre ellas huma cascata, na qual estão dois jacarés enroscados entre si, lançando pela bocca copia de agua em hum tanque semi-circular, que rodeia a mesma cascata em cujo alto havia um coqueiro de vinte ou mais palmos de altura, todo de ferro, e pintado ao natural, que apesar da rija materia de que era formado em poucos annos o vento o despedaçou. Nos dois angulos do terrasso estão dois mirantes de figura quadrada com duas portas em cada lado (48) e todas com vidraças; no alto do mirante do lado direito se vê a figura de Apollo tocando a lyra, e no do esquerdo, a de Mercurio com o caducêo, e nos quatro angulos pés de ananaz com os seus frutos, todos de metal sobrepintados, que parecem verdadeiros. O mirante de Apollo tinha o tecto forrado de pennas, que fingindo flores o ornavam com muita belesa; e nas paredes entre as portas, quadros (49) que representavam vistas da Cidade, e seus suburbios; o de Mercurio era ornado de conchas artificialmente reunidas, e os seus quadros representavam varias officinas de minerar ouro, diamantes, etc., como tambem fabricas de assucar (50) e de outras industrias do paiz. Finalmente este terrasso, do qual se gosa a mais bella vista da barra, hé todo lageado de pedra marmore, e tem assentos por hum e outro lado tambem de pedra (51).

(47) — Refere-se às duas pirâmides de granito cobertas há longos annos por um tapete de hera.

(48) — A informação não é verdadeira. Cada pavilhão possuia duas portas envidraçadas, mas em fachadas opostas.

(49) — Refere-se às pinturas "affreschi" feitas por LEANDRO JOAQUIM.

(50) — Engenho de açúcar primitivo, ou *banguê*.

(51) — Bancos de alvenaria, revestidos de azulejos portuguezes, com os assentos de mármore de Lióz.

O depoimento prestado pelo Padre Luiz Gonçalves dos Santos é interessante, porque ele conheceu o Passeio Público na sua fase inicial. Mas a descrição é deveras lacônica, deixando o autor de fazer referência a certos detalhes importantes, inclusive o arruamento, e composição florística.

Joaquim Manuel de Macedo, mais romancista do que historiador (52) refere-se ao Passeio Público na época em que êle estava sendo espostejado pelo arquiteto Augusto Glaziou. Não se podia privar o imaginoso Macedo de descrever o Passeio Público. O Padre "Perereca" lhe forneceu os necessários elementos informativos. Ao referir-se ao miserável coqueirinho de ferro que ornava a Fonte dos Jacarés diz Macedo que ele era "magnífico". A descrição de Moreira de Azevedo é mais pormenorizada (53). Coincide em muitos pontos com a que fizera anteriormente o Padre Luiz Gonçalves, com a vantagem de trazer maiores detalhes a certos pontos obscuros: "*Construido no Boqueirão da Ajuda entre o Campo e o Largo da Lapa era o jardim fechado na frente e lateralmente com um muro, que ia terminar em um terraço construido á borda do mar. O muro apresentava de espaço a espaço, janellas com vasos de alvenaria* (54). *Um portão de ferro preso a pilares de pedra dava entrada ao jardim apresentando na parte superior um medalhão de bronze dourado tendo na face voltada para a rua as Armas de Portugal e na oposta as effigies de D. Maria I e D. Pedro III com o distico; Maria I^a et Petrus III Brasiliae Regibus 1783. O jardim era dividido em dez ruas bordadas de arvores formando diversos triângulos; no fim de alguns annos cercaram-se esses triangulos com estacas de pau, e em 1835 começaram a ser divididos por grades de ferro* (55). A rua frontei-

(52) — JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro. 1860.

(53) — MOREIRA DE AZEVEDO. Pequeno Panorama. 1862.

(54) — Aliás, compoteiras de granito.

(55) — A principio se usaram talas de taquara, e posteriormente, leve gradil de ferro. Ambas as medidas eram de carater protetor, para que o povo não danificasse os arbustos decorativos que compunham o "sous-bois". MAGALHÃES CORREIA (*Fontes e Chafarizes do Rio de Janeiro* — 1939) não tendo

ra ao portão ia ter a um largo collocado no centro do jardim, e terminava em outro largo espaçoso em frente a uma cascata formada artificialmente. Sobre a cascata elevava-se um coqueiro de ferro pintado ao natural, e com frutos. Passaros de bronze pousavam sobre os arbustos e pedras da cascata vertendo dos bicos agua cristalina (56). Na base do outeiro artificial viam-se dous jacarés entrelaçados e vomitando agua pelas bocas. A agua que sahia dos bicos das aves e que era despejada pelas bocas dos jacarés cahia em um tanque semi-circular, que circulava a cascata, produzindo um murmurio sonoro e brando. Esses jacarés foram desenhados por Valentim da Fonseca e Silva e fundidos sob sua direcção. Valentim dera o desenho e fizera o molde, porem falhando a primeira fundição, encarregou-se de dirigir a segunda. Aos lados da rua principal do jardim erguiam-se duas pyramides triangulares de granito, que pareciam surgir de dous lados. Em uma pyramide via-se escripto "A Saudade do Rio", em outra "Ao Amor do Publico".

Lateralmente ás pyramides, porem em alguma distancia, existiam duas mesas de pedra com bancos tambem de pedra (57) e que ficavam occultas debaixo dos caramanchões

compreendido a referência de MOREIRA DE AZEVEDO, diz que o parque foi cercado com gradis de ferro em 1835. Ora só em 1862 se usaram gradis, e ainda assim exclusivamente para a parte fronteira à rua do Passeio.

- (56) — Ao descrever a Fonte dos Jacarés, que é por sinal, a mais popular das obras de escultura de Mestre Valentim, o historiador MAGALHÃES CORREIA (*Fontes e Chafarizes do Rio de Janeiro*. 1939) faz uma descrição algo fantástica dessa original composição: "Dentre as folhagens, tres garças de bronze de cujos bicos cahia agua, num gottejar continuo, e por baixo do amontoado de pedras, como numa toca, sahiam dois jacarés entrelaçados, de bronze, de cujas mandibulas jorrava agua, produzindo o murmurio característico da queda do liquido no tanque". É a primeira vez que ouço falar em garças de bronze na Fonte dos Jacarés. MOREIRA DE AZEVEDO (*Pequeno Panorama — 1862*) que pode ser considerado o melhor informante da obra de Valentim, não viu garças nessa fonte. Diz MOREIRA DE AZEVEDO: "Passaros de bronze pousavam sobre os arbustos e pedras da cascata, vertendo dos bicos agua cristalina". O Padre LUIS GONÇALVES DOS SANTOS tambem não faz referência alguma ás garças de bronze no montículo de

de jasmineiros da Índia. Já dissemos que o muro ia findar de cada lado em um terraço construído á beira mar. Quatro escadas davam subida para o terraço; duas collocadas por traz da cascata, duas nas extremidades do muro. Mais comprido do que largo era o terraço lagueado de fios de cantaria e de tijolos de marmore (58). Um parapeito interrompido em alguns lugares por grossas grades de bronze apresentava acentos (sic) de cantaria. Sobre o parapeito havia vasos de marmore e um busto tambem de marmore ao lado do mar (59). Nas extremidades do terraço erguiam-se dous pavilhões quadrangulares com duas portas de vidraça de cada lado (60). Sobre o pavilhão do lado direito via-se a estatua de Apollo e sobre o outro a de Mercurio. Nos angulos do attico, que coroava os pavilhões, havia vasos de marmore com ananazes de ferro primorosamente executados”.

A descrição feita por Moreira de Azevedo, mais circunscianciada do que a do Padre Luiz Gonçalves dos Santos, tem a vantagem de tornar possível o confronto entre o jardim original, composto por Valentim, e a carcassa a que o reduziram seus implacáveis inimigos. Do opulento acervo artistico do velho parque, restam apenas o portão, e a magistral composição da Fonte dos Jacarés, aliás grandemente sacri-

pedras da referida fonte. Aliás, seria impossivel acomodar três garças num pequeno espaço já ocupado por várias aves de reduzido porte.

- (57) — As mesas existiam embora despojadas dos caramanchões até a edificação do célebre envidraçado construído ao tempo do Prefeito Carlos Sampaio.
- (58) — A expressão “tijolo de mármore” é incorreta. A pavimentação do belvedére era feita com secções de mármore policromo. (Mármore preto de Liége, vermelho e creme, portugueses).
- (59) — A referência é ao busto de Febo, desaparecido por ocasião da reforma de 1817.
- (60) — A informação é inexata. Cada pavilhão possuia duas portas, porém, em faces opostas. Em 1817 foi construído um pavilhão para as aulas de Frei Leandro do Sacramento. Em 1841 o Coronel Rangel de Vasconcellos fez construir nos lugares ocupados pelos pavilhões otogonais, dois de secção quadrada.

ficada pelos aterros praticados em torno dela (61). Poucas árvores restam das que se plantaram ao tempo de Valentim. O Passeio Público despojado das obras de arte que lhe integravam a composição original, e privado da clausura, é uma caricatura dolorosa do parque executado por Dom Luiz de Vasconcellos e Souza.

(61) — Em virtude dos vários aterros praticados em redor da Fonte dos Jacarés, ficou o tambor do tanque de granito integrado na composição com o embasamento enterrado cerca de vinte e cinco centímetros.

III

Vivêra o Passeio Público seus mais gloriosos dias durante os últimos anos do governo de seu augusto protetor, o Vice Rey Dom Luiz de Vasconcellos e Souza. Regressando esse illustre administrador a Portugal, onde lhe foram concedidas excepcionais honrarias pelos serviços prestados à colônia do Brasil, enviou-nos a Metrópole o taciturno D. José Luiz de Castro, Conde de Rezende, que não revelou o menor interesse pela terra que vinha governar. Aquele sadio entusiasmo pela causa pública, aquele contínuo interesse pelas cousas da terra, não chegaram a fazer escola entre nós. O Marquez do Lavradio e D. Luiz de Vasconcellos e Souza, foram exceção à regra geral.

Durante o breve Vice-Reinado de D. Fernando José de Portugal, sucessor do Conde de Rezende, o Passeio Público ficou de todo esquecido. Quando em 1806 chegou ao Rio de Janeiro D. Marcos de Noronha de Britto, Conde dos Arcos, que veio render D. Fernando José de Portugal, a enfezada palmeirinha encarapitada no "outeiro" da Fonte dos Jacarés vergara a estipe devorada pela ferrugem. Mandou o Conde dos Arcos retirá-la da Fonte, encomendando a Valentim um motivo ornamental para embelezar aquele local. Valentim desenhou o busto de Diana, o qual foi executado em pedra de Lióz, vindo a ser encaixado no centro do "outeiro", de encontro ao espaldar da composição. Defronte da composição ornamental dos Jacarés mandou o Conde dos Arcos levantar duas pirâmides de granito (62) uma de cada lado da aléa principal que desembocava na Fonte dos Jacarés,

(62) — Há algumas dezenas de anos um jardineiro estúpido teve a idéia de plantar hera de encontro ao embasamento das pirâmides. Desde então o elemento estrutural ficou dissimulado pela trama da hera.



respectivamente com as legendas “*A Saudade do Rio*”, e “*Ao Amôr do Público*”. Essas pirâmides emergiam de um pequeno lago. Essa foi a última obra realizada por Mestre Valentim para o Passeio Público.

Entretanto, vinte e seis anos (1783-1806) já haviam decorrido desde o dia memorável em que rangeram pela primeira vez os gonzos dos pesados batentes de ferro forjado do portão do parque, quando o Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos os abriu solenemente, franqueando-lhe o recinto ao povo jubiloso. Recordavam-se ainda os habitantes da cidade, das suntuosas festas realizadas em 1786 para comemorar o casamento do Príncipe João com a desmiolada Carlota Joaquina, filha dos Reis da Hespanha. Para festejar tão conspicuo acontecimento, o cenógrafo Antônio Francisco Soares compuzera uma série de espalhafatosos carros alegóricos, dedicados a Baccho e Vulcano; a seguir vinha o carro dos Mouros acompanhados de outros de aspecto carnavalesco, para divertir o povo.

Por volta de 1816, era simplesmente lastimável o estado do velho parque inaugurado sob os mais fagueiros auspícios, pelo Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos. As árvores cresciam selvagens e desordenadas. Nos canteiros, a erva daninha se intercalara entre a erva bôa que se plantara. As árvores de grande porte, os vinháticos, as carrapeteiras e os tamarineiros, tinham ares arrogantes e protetores, para as humildes plantinhas que se agarravam aos muros, esquivando-se à violenta luz do sol. Pareciam dizer-lhes baixinho: “Não tenham medo do sol causticante. Nós estamos aqui para defendê-las”. As begônias, as avencas, a flora medrosa e humilde que temia a luz ofuscante, lhes respondiam: “Muito obrigado, senhoras árvores! Que Deus lhes dê uma opulenta fronde, para que não nos falte agasalho”.

Condoido do estado lastimável a que chegara o Passeio Público, resolveu afinal Dom João VI vir em seu auxílio em 1817, ordenando que se praticassem as necessárias obras para repô-lo nas condições desejadas. Cronologicamente, esta foi a primeira desgraça que atingiu o maravilhoso parque. Não se limitaram os agentes encarregados de executar as obras, a simples reparos de restauração. Trataram de reformar o jardim. Quando entre nós, se emprega a pala-

vra “reforma”, podemos ter a certeza de que vai desabar um terremoto. Não fica pedra sobre pedra. A primeira reforma que atingiu o Passeio Público, trinta e quatro anos depois de sua inauguração solene (1783-1817) sacrificou seriamente a composição original de Valentim da Fonseca. Como sempre acontece, começaram os reformadores a destruir o que lhes pareceu inútil. Remendada a muralha do cais que o mar furioso havia danificado, os agentes do governo arrasaram logo de saída, os dois curiosos pavilhões quadrangulares postos às extremidades do belvedère, e decorados engenhosamente por Francisco dos Santos Xavier e Francisco Xavier Caldeira Cardoso. Desapareceram assim os curiosos embrechados que decoravam os pavilhões, e mais as pinturas murais — as primeiras que se fizeram no Brasil no gênero *affreschi* — de autoria do mestiço Leandro Joaquim. As estátuas em mármore de Lióz, de Mercúrio, Apolo, o busto de Febo e os abacaxis de ferro fundido, pormenores dos pavilhões, foram considerados material de entulho. Na área do parque fronteira ao Largo da Lapa, construiu-se vistoso pavilhão otogonal (63) para que o botânico Frei Leandro do Sacramento ali pudesse praticar um curso vivo de botânica. O Padre Luiz Gonçalves dos Santos (64) informa que o pavilhão do Frei Leandro era *edificio oitavado muito elegante*. A idéia era excelente, mas Frei Leandro em pouco tempo desistiu de exercer seu curso vivo de botânica, naturalmente por lhe faltarem discípulos.

Essa primeira reforma, à moda brasileira, pode ser considerada como o marco inicial das desgraças que atingiram depois o parque de Valentim. O Passeio Público teve a infelicidade de ficar encravado num ponto da cidade onde se processaram profundas transformações urbanísticas. Cada Prefeito tem um programa a executar contra o malsinado parque. Basta a ameaça de uma trovoadá urbanística, para lhe desandar um ráio no costado. Tantas foram as reformas, remodelações, mutilações e transformações que o infeliz parque teve de suportar desde 1783, até os dias que correm, que para mencioná-las todas seria necessário um estudo à parte.

(63) — Transformado depois em mictório.

(64) — Padre LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS. Ob. cit.

Durante os anos que seguiram à primeira reforma, (1817) o jardim sofrêra algumas alterações parciais. Nos dias agitados da Regência, o povo tomado de verdadeira fúria jacobina, arrancara do portão nobre o medalhão de bronze dourado com as nobres efigies de D. Maria I e D. Pedro III. Sorte igual coube ao escudo com as armas do Vice Rey Dom Luiz de Vasconcellos que até então decorava o espaldar da fonte dos Jacarés. O belvedére continuava desprovido dos primitivos pavilhões compostos por Valentim. Em 1835 cercaram-se com gradís protetores os macissos internos da vegetação arbustiva, e praticaram-se reparos de pouca monta no belvedére. Por essa época, desapareceu de maneira misteriosa o célebre "Boneco" de mármore que fornecia água aos visitantes do logradouro.

Resolveram os poderes públicos vir pela segunda vez, em socorro do parque despresado pela população. Em 1841 ordena-se uma nova reforma, sendo encarregado de realizá-la o Intendente Geral das Obras Públicas, Coronel Antônio João Rangel de Vasconcellos. A intervenção do Intendente Rangel foi prudente, e sobretudo, conservadora. Respeitou as velhas árvores; manteve o traçado geométrico das ruas internas; construiu nos pontos do belvedére outrora ocupados pelos pavilhões quadrangulares, dois outros, de secção otogonal, posteriormente convertidos em botequins infectos; fez redourar o medalhão de bronze que ornava o portão, e o fez voltar ao lugar que lhe pertencia. Para atender aos ímpetos patrióticos da população, sem desgostar o Imperador, o precavido Intendente mandou revestir a face interna do medalhão com as armas do Império do Brasil. O medalhão assim composto, acendia uma vela a Deus, e outra ao diabo. O Intendente Rangel queria vivêr em paz com o povo. O magnífico escudo com as armas do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos voltou também a decorar o espaldar da fonte dos Jacarés. As estátuas de Mercúrio e Apolo que decoravam os primitivos pavilhões quadrangulares foram colocados no recinto do parque. O Passeio Público, rejuvenescido pelas obras realizadas pelo Intendente Rangel de Vasconcellos, foi novamente franqueado ao público.

No correr das obras que o Intendente Rangel estava realizando em benefício do parque de Valentim, vários apêlos

lhe foram dirigidos, para que fizesse recompôr a fonte do belvedére de onde se evadira misteriosamente, em 1835, o "boneco" de mármore ali mandado colocar por Dom Luiz de Vasconcellos para gozo do público. Da antiga composição original de Valentim, restava apenas o barrilote de granito, porem a água já não mais ia ter a seu bojo. O interesse da população, ao reclamar a recomposição da fonte — bem o sabia o Intendente Rangel — não era propriamente pela estátua de mármore, mas pela falta que lhe fazia a água por ela fornecida.

O Intendente Rangel resolveu atender às fingidas súplicas do povo, porem "em termos", isto é, com o menor dispêndio possível de dinheiro. É que êle, não se fazia a menor dúvida de que o povo reclamava apenas uma bica d'água no recinto do parque, servindo o "boneco" de pretexto para obtê-la.

As condições oferecidas pelo Intendente Rangel de Vasconcellos aos pretendentes à confecção do novo "boneco", foram simplesmente fantásticas. O edital de concorrência para a fatura de um novo "anjinho", avisava "*que quem quizesse fazer outro igual, e mais barato*", que se apresentasse à Administração de Obras Públicas, para consertar o preço com o precavido administrador. Mencionando o curioso edital que o concorrente ficaria obrigado a fazer um novo anjinho igual ao que desaparecera, depreende-se que a exigência se referisse especialmente ao material empregado. De fato, sendo o primitivo anjinho composto por Valentim, "aberto" em mármore português de Lióz, a condição essencial para que o novo fosse igual ao velho, devia ser a utilização do mesmo elemento material que fôra anteriormente usado. Uma escultura fundida em chumbo, não poderá ser igual a outra fundida em bronze, ou lavrada em mármore. Mas, como o Intendente Rangel de Vasconcellos não compreendia essas subtilesas, e o seu objetivo exclusivo era restabelecer a bica reclamada pelo povo, foi aceita a proposta mais barata, sendo o novo anjinho fundido em chumbo, fornecendo o próprio Intendente o material necessário à fundição. Nunca veio a saber-se o nome do espertalhão autor do anjinho de chumbo que desde 1845 avilta a composição ornamental de Valentim. O que se pode afirmar, é que sua ignorância era

tão grande, que não sabendo compôr azas à moda das que usavam os "Serafins", pespegou o artista às costas do anjinho, azas de borboleta. Deficiente sob o ponto de vista artístico, e composto com um elemento material miserável, o novo anjinho fundido por economia, com as aparas dos encanamentos das "Obras Públicas" não podia ser igual ou sequer semelhante ao original desaparecido em 1835. Entretanto, o povo que é sempre enganado, não se apercebeu do logro de que fôra vítima.

Tão grande importância deu o artista à curiosa concorrência, que nem sequer se deu ao trabalho de proporcionar o anjinho ao lugar que lhe destinara Valentim. Saindo a estatueta de chumbo bem maior do que o espaço que se lhe reservara na composição, não pôde ela ser convenientemente "centrada". A mudança da posição normal do anjinho de chumbo obrigou o Intendente Rangel de Vasconcellos a aumentar o barrilote no sentido vertical, de cerca de dezessete centímetros. O barrilote primitivo, de granito monolítico, possuía apenas quatro aduelas de bronze, sendo sua altura total cinquenta e quatro centímetros. A adição de uma nova aduela, não prevista na composição, modificou a proporção do barril, dando-lhe um aspecto fusiforme, que êle não possuía originalmente. Apesar do aumento de dezessete centímetros de barril, foi necessário ainda crear um patamar de dezessete centímetros de altura, para aproximar a boca do barril da mão direita do boneco. O barril, com o acréscimo imposto, tem atualmente, a altura de setenta e um centímetros, sendo que anteriormente à sua modificação sua altura era apenas cinquenta e quatro centímetros. A permanência do monstruoso boneco de chumbo no velho parque de Mestre Valentim, seria um ultrage à memória do grande Mestre colonial, se esse ultrage constituísse um caso isolado, passível de reparação. Com o correr do tempo, os atentados contra o velho parque foram tão monstruosos e constantes, que o feio crime do Intendente Rangel de Vasconcellos se reduz, comparativamente aos dos outros, a simples pecado venial. O nome do Intendente Rangel de Vasconcellos não deve ser incluído entre os dos ferózes algozes do Passeio Público. Naturalmente, faltou-lhe a necessária cultura para compreender que a estatueta de chum-

bo com azas de borboleta é um ultrage à memória de Mestre Valentim. Mas, em compensação, desde 1841 até o momento em que estou escrevendo, ainda não houve um Prefeito — dos muitos que esbanjaram os dinheiros do município em obras espalhafatosas e inúteis — que se lembrasse de substituir a grotesca estatueta por uma outra de mármore ou bronze, inspirada na que desapareceu em meados do século XIX.

I V

Dezenove anos depois da reforma do Passeio Público levada a cabo pelo Intendente Geral das Obras Públicas, Coronel Antonio João Rangel de Vasconcellos (1841), o velho parque apresentava de novo, desolador aspecto. O povo volúvel como sempre nas suas preferências, já não o procurava como dantes. Só aos domingos, vindos dos subúrbios distantes, apareciam grupos alegres de romeiros que invadiam ruidosamente a área do parque, e estacionavam no belvedére, onde se descortinava o esplêndido panorama da baía. Durante a semana, eram mal vistas as pessoas que penetravam no sombrio jardim, onde perambulavam mulatos suspeitos, de gestos dengosos, a tresandar banha de cheiro.

Estamos em 1860. O Imperador Dom Pedro II resolveu confiar ao Tabelião Francisco José Fialho, homem sabidamente de bom gosto, e amigo da cidade, o encargo de remodelar o desmantelado parque. Francisco Fialho contratou em Paris o arquiteto paisagista Augusto Glaziou, encarregando-o não só de pôr em ordem o Passeio Público, como de compôr os parques do Campo de Sant'Ana e Quinta da Boa Vista (65).

Em Janeiro de 1861 foi assinado o contrato entre o governo e o paisagista francês Augusto Glaziou, para a reforma do Passeio Público. Um ano e meio depois, a 30 de abril de 1862, o Imperador D. Pedro II um pouco impacientado pela lentidão com que se conduziam as obras, deu-se ao trabalho de pessoalmente ir examiná-las, ficando desde logo es-

(65) — O arquiteto paisagista Augusto Glaziou realizou posteriormente obras de ajardinamento de várias residências senhoriaes, como o parque dos Barões de Nova Friburgo; da Fazenda de "Monte Alegre" do Conde de Arcozello; e da Fazenda "Secretário", todas no Estado do Rio de Janeiro.

tabelecido, que a inauguração da reforma se efetuasse a 7 de setembro do mesmo ano. Não tendo sido fundidos a tempo os gradís destinados à parte anterior do Jardim que faz face à rua do Passeio, foram compostos tapumes provisórios de madeira, para que se não adiasse a inauguração prometida ao Imperador.

A reforma realizada a toque de caixa pelo paisagista Glaziou, foi mil vezes mais desastrosa do que a que fôra levada a cabo em 1841 pelo Intendente Rangel de Vasconcellos. Foi uma reforma em grande estilo, à moda brasileira.

Foi preocupação do paisagista Glaziou destruir o que fôra feito. Se não o conseguiu de todo, não foi certamente por falta de bôa vontade... Cairam os muros dianteiros da clausura, que davam sobre a rua do Passeio, sendo compostos em sua substituição, altos gradís de ferro fundido, terminados em pontas de lança, e apoiados sobre curto embasamento de cantaria lavrada (66). Como a despesa com gradís era muito grande, a medida não foi aplicada aos alinhamentos laterais. Ficou o parque com os muros laterais a contrastar com o gradil posto na fachada principal onde se encaixara o portão nobre. O momento foi julgado oportuno, para o alargamento da rua do Passeio, à custa da área interna do parque. Assim se fez, ficando a rua com 72 palmos de largura, contra 45 que até então possuía (67). Mas, a área interna do jardim adjudicada à rua do Passeio estava povoada de altas

(66) — Embasamento igual ao que empregou A. Glaziou para o antigo Campo de Sant'Ana ainda conservado, a despeito de ter sido retirado o gradil que defendia o parque. Os gradís protetores dos macissos externos de vegetação inaugurados em 1835 nada tem que vêr com a clausura do parque propriamente dita. De fato, só com a reforma Glaziou (1862) foram os muros de alvenaria substituídos por alto e desgracioso gradil de ferro fundido. MAGALHÃES CORREIA, (*Fontes e Chafarizes*. 1940) não compreendeu as referências históricas. Dai afirmar: "*Na regencia de Feijó em 1835 foi cercado o jardim com grades de ferro e houve reforma no terraço e pavilhões*".

(67) — A rua do Passeio cordeada inicialmente pelo Vice-Rey Dom Luis de Vasconcellos e Souza, possuía até 1860 apenas nove metros e noventa centímetros de largura (45 palmos). Alar-

palmáceas, e árvores de grande porte, já então quasi centenárias (1783-1861). O machado abriu caminho para a abertura da rua do Passeio. Cairam para não mais se erguerem muitas dezenas de árvores frondosas, tão bem fixadas em 1845 pelo lapis de Auguste Moreau (68). Glaziou poupou todavia o renque de "palmeiras imperiais" plantadas no fundo do parque. Afinal, elas foram trucidadas pelo Prefeito Carlos Sampaio, quando em má hora resolveu construir o malfadado Casino Beira-Mar.

Em virtude da nova concepção paisagística de influência francesa posta em prática pelo arquiteto de jardins A. Glaziou, foi radicalmente modificado o primitivo traçado geométrico ideado por Mestre Valentim. Crearam-se amplas *pelouses*, pequenos cursos de água, um lago com ilha artificial, e logo à entrada do parque um repucho com esguicho de 20 palmos emergindo de um tufo de flôres artificiais. De Paris vieram para embelezar o parque três estátuas de ferro fundidas por Barbezat, e o pontilhão de ferro imitando galhos de árvores. Para maior conforto do público levantou-se no lado esquerdo do parque amplo pavilhão de estrutura metálica, por trás do qual funcionou durante longos anos uma espécie de *buffet* e cosinha (69). Os lagos povoaram-se de cisnes, irerês e marrequinhas. Dois peixes-bois bizarros aguçavam de continuo a curiosidade ingênua das crianças.

O venerando pavilhão onde Frei Leandro do Sacramento professou durante algum tempo a ciência botânica, foi sabiamente transformado em *cabinet d'aisance*, ao qual creio eu, não faltaram jamais clientes. Mais para o lado direito, quasi no ângulo da Lapa, surgiu vistoso chalet com escada-

gada para 72 palmos, ficou a rua a partir de 1862 com quinze metros e oitenta e quatro centímetros de largura. Houve portanto um aumento de cinco metros e noventa e quatro centímetros na largura da rua. Muito recentemente a rua do Passeio foi novamente alargada.

(68) — L. BUVELOT e AUGUSTE MOREAU. O Rio de Janeiro Pittoresco. 1845.

(69) — Nesse pavilhão de estrutura metálica funcionou durante os primeiros anos da República uma espécie de "Café concerto" de baixa categoria.

ria à vista, destinado à habitação dos empregados do jardim (70).

Para a conquista dos espaços destinados às pelouses, aos lagos, aos regatos e aos novos caminhos sinuosos, teve o paisagista Augusto Glaziou de derrubar algumas centenas de árvores frondosas, sem contar a flora intermediária ou do *sous-bois*, que dava ao velho parque um feitio especial e característico. Com o mais profundo desprezo pela tradição da cidade, o paisagista francês devastou completamente o jardim, para sobre os destroços da área desmatada delinear um novo traçado ondulante, com pelouses, lagos e penedos, no gênero do parque *Des Buttes Chaumont*, de Paris. Cascadeiros especialistas em imitar a madeira e a pedra vieram de França colaborar com Glaziou. Essa arte inferior de “fingir” — como se chamava na época — teve depois inúmeros imitadores nacionais (71).

Moreira de Azevedo e Joaquim de Macedo mencionam a chacina das árvores do Passeio Público, mas não deixam de louvar os novos encantos do parque rejuvenescido pela arte mágica do cenógrafo Glaziou. Já naquela época distante, havia o tradicional desprezo pelas coisas do passado. Que mal teria feito à civilização brasileira a preservação integral de um maravilhoso parque umbroso e pitoresco, construído ingenuamente à moda da terra, fóra da influência postiça

(70) — Essa construção era no gênero das estações construídas por Mariano Procópio ao longo da Estrada União e Indústria. A epidemia dos chalets suíços dominou o século XIX, e invadiu o século XX.

(71) — Antes de aqui chegarem Glaziou e seus auxiliares, já estava em voga entre nós a arte dos cascadeiros. Desde o fim do século XVIII, compunham-se criptas ornamentadas com peças de louça azul de Macau e cercaduras de mariscos e caramujos do Cabo-Frio. Os cascadeiros franceses, exímios fabricantes de cascatas artificiais (Campo de Sant'Anna) criaram o gênero de imitar árvores e pedras. Aliás, durante todo o século XIX a arte de “fingir” foi muito do agrado do povo. Havia “fingidores” de madeira, de mármore, e sobretudo, de pedra. Os oficiais “fingidores”, aos quais não se pode negar uma grande habilidade, imitavam a pedra sobre o própria pedra. Esse hábito ainda foi praticado no Rio de Janeiro no começo do século atual.

de outros povos? O parque erigido por Dom Luiz de Vasconcellos, em fins do século XVIII, teve de se ajustar à futilidade das gerações modernas. Atentados idênticos se praticam ainda nos dias que correm. Os autores desses atentados se dizem civilizados, e acoimam de retrógrados os passadistas.

A impressão transmitida em 1862 por Moreira de Azevedo, acerca da reforma radical executada pelo paisagista A. Glaziou, espelha o sentimento geral do povo: "*Transpondo o portão, vê-se um jardim bello e agradável. O Passeio foi transformado em um jardim pittoresco. Outr'ora apresentava regularidade nas ruas, no plantio das arvores, uma disposição geometrica, uma symetria monotona, que se notava em todos os nossos jardins: hoje está no gosto inteiramente diverso. Ruas inteiramente curvas reunindo-se umas às outras e formando lindas perspectivas, taboleiros de grama de diversa extensão e feitio com macissos cobertos de arbustos ou de flores, e deixando ver de espaço em espaço, um lindo arbusto, uma arvore gigantesca (72) estatuas, repuchos, cascatas, eis o que se nota hoje no Passeio. É um jardim paisagista*". Expande-se a seguir Moreira de Azevedo sobre os encantos da nova concepção paisagística posta em prática entre nós pelo arquiteto A. Glaziou.

Merece aplausos o paisagista francês, pelas modificações radicais que inflingiu ao velho parque, a ponto de lhe tirar a primitiva feição? Glaziou podia tentar defender-se, respondendo que o povo ficou encantado com a reforma arrasadora. Mas podia responder-se ao paisagista, que o povo brasileiro naquela época, estava em estado de inocência, em questões de arte. Ele abusou concientemente da ignorância pública, para praticar com o indispensavel apoio do próprio governo, um ato brutal de vandalismo. A verdade é que, quando Glaziou inaugurou entre nós em 1861, os jardins franceses *d'agrément*, com vastas pelouses ondulantes, re-

(72) — Remanescentes da cobertura primitiva, algumas árvores ainda se encontram no velho parque, especialmente no arruamento da rua do Passeio. (*Sterculia foetida*; *Cassia grandis*; *Pimenta officinalis*; *Tamarindus indicus*; *Mangifera indica*, etc.).

gatos e moitas de arbustos, nós outros brasileiros, sem a ajuda da preciosa arte francesa, já havíamos conquistado uma verdadeira tradição nacional em matéria de jardins públicos, ajustada inteligentemente às nossas necessidades mesológico-sociais. Glaziou falhou exatamente pelos mesmos motivos que levaram a Missão Artística Lebreton a falhar: o desprezo pela tradição nacional.

Entretanto, é fóra de dúvida que a transformação agradou. O povo brasileiro quer novidade. Não houve uma voz de bom senso que clamasse pela preservação do parque primitivo com o seu acanhado traçado geométrico inicial. Uma nova expressão de arte paisagística forçou o sacrifício de uma expressão não menos interessante. As concepções paisagísticas do arquiteto de jardins Augusto Glaziou repousavam em princípios opostos àqueles de que se utilizara Mestre Valentim, com o apoio do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos e Souza. A adaptação de um jardim geométrico composto deliberadamente com ruas estreitas, visando o objetivo essencial de “sombra”, a jardim paisagístico com traçado ondulante, não podia ser realizada sem o sacrifício de centenas de árvores de alto porte que povoavam extensos tratos de terra necessários à composição de pelouses decorativas. Glaziou arejou o jardim, creou quadros agradáveis à vista; deu à nova composição um sentido de imprevisto encanto; alegrou a paisagem artificial com repuchos de pequenos lagos; compôs penedos artificiais e bancos imitando madeira lavrada; preparou um pontilhão de estrutura metálica revestido de cimento, imitando o bambú de colmo amarelo; provocou combinações florísticas de surpreendentes efeitos, usando para isso os recursos da arte de jardins corrente em França. Mas, o fato é que todos esses mirabolantes encantos foram obtidos à custa da “sombra”, objetivo principal do parque original de Valentim. Nada justificava — a não ser a velha mania brasileira de modernização — que o velho parque de Valentim, — o primeiro que se construiu na América do Sul, — perdesse suas características essenciais, em favor de novas concepções modernistas, não condicionadas aos fatores mesológicos da nação. Os grandes parques paisagísticos no gênero dos dois que aqui compôs Glaziou,

respectivamente da Quinta da Bôa Vista, e Campo de Sant'Ana, são recomendáveis sob o ponto de vista estético. O parque composto por Valentim, ainda me parece, a despeito dos coradouros de roupa construídos pelo Prefeito Antonio Prado, o modelo que mais nos convem. Arborisação densa de alto porte, elementos florísticos de *sous-bois*, e aléas estreitas, são princípios essenciais para a composição dos jardins tropicais.

O objetivo de Valentim não era como o de Glaziou, fazer jardins para serem admirados pelo povo. Valentim queria, antes de tudo, que seu modesto jardim fosse útil à população. Sua intenção era criar um gênero de jardim condicionado às nossas necessidades.

Não pretendo contestar que os jardins paisagistas de traçado ondulante sejam mais pitorescos ou atraentes do que os jardins de utilidade criados sem preocupação ornamental, para o fim especial de proteger o homem oferecendo-lhe abrigo contra o sol causticante. As duas concepções são de tal sorte dissemelhantes, que não há como aceitá-las em conjunto. Se considerarmos que as condições mesológicas nacionais exigem que os jardins públicos se revistam de características especiais — e essa é de há muito minha opinião — o modelo de Valentim que aliás já fôra adotado nas chácaras e nos quintais pernambucanos desde o tempo de Nassáu, deveria ser aceito sem a menor hesitação. Se ao contrário, nos devemos abstrair no tocante aos jardins, do verdadeiro e infalível critério mesológico — como estamos fazendo com a arquitetura comunista oficializada pela nação — passando a considerá-los meros elementos de decoração urbana, as árvores podem ser de todo suprimidas. Com taboleiros de relva, repuchos, cascatas, acidentes de terreno, e lagos artificiais se obtêm efeitos maravilhosos. A concepção paisagística, sobretudo quando o projetista pode dar vãos à imaginação, é conveniente às áreas nas quais se podem dispôr massivos de vegetação alta, em contraste com as grandes áreas núas destinadas às *pelouses*, aos lagos e acidentes do terreno. Esse é o gênero que os franceses chamam *grandiose*. Nos parques ou jardins arborizados densamente, em forma de bosque, toda a área é convertida em utilidade. As ruas —

aliás podem ser retilíneas ou não — não roubam espaço apreciável às áreas de composição florística. São como caminhos dentro da floresta.

O modelo sabiamente escolhido por Valentim corresponde mais do que qualquer outro ideado depois dêle, às necessidades brasileiras. O confronto se pode fazer ainda hoje, entre o velho parque mutilado, e os jardins inúteis construídos recentemente. Mais uma razão para condená-lo...

V

A arborisação do Passeio Público sofreu desde 1783 — época em que foi franqueado ao público — até o momento atual (160 anos) uma série ininterrupta de crises devastadoras. Contra as árvores que Valentim plantara, voltou-se a ira do povo, ou melhor, dos poderes públicos. Sob os mais variadas pretextos, — modernisação, embelesamento ou urbanisação, — as velhas árvores viveram constantemente ameaçadas pelos machados impiedosos dos reformadores. Todavia, alguns elementos florísticos milagrosamente poupados indicam que de início as árvores exóticas eram mais numerosas do que as indígenas.

Glaziou — que seja dito de passagem — não chegou a se aperceber dos recursos da flóra ornamental indígena, não continuou a tradição em favor das árvores frutíferas exóticas, mas em compensação, empestou o parque com uma série de árvores vulgares e inexpressivas. Quanto aos famosos *baobabs* africanos (73) será melhor dizer que, cansados de esperar em recipientes mesquinhos pelo lugar que se lhes destinava, resolveram apossar-se da terra, e nela enfiaram suas raízes. Portanto deles não se poderá dizer que foram plantados...

Moreira de Azevedo (74) ao descrever os mirabolantes efeitos da radical reforma realizada por Glaziou, tenta sem resultado apreciável, fazer o inventário das novas espécies recém introduzidas, sem mencionar, todavia, as que foram cruelmente sacrificadas: "*Novas plantas da familia das palmeiras, das liliaceas, musaceas, das leguminosas e outras, foram introduzidas no Passeio Publico durante a ultima re-*

(73) — *Adansonia digitata*.

(74) — MOREIRA DE AZEVEDO, l. cit.

forma por que passou este jardim. Alem de muitas arvores curiosas, veem-se ali o pau campeche (75), pau rosa (76), pau ferro (77), o carvalho negro do Brasil (78), o pau sandalo (79), o jequitibá (80), o genero *rhopala* (81) cuja madeira serve para construção; a linda arvore *theophrasta imperialis* (82) que toma grande crescimento, dando bôa madeira para construções e marcenaria, e emfim a arvore de que se extrae o vinho de palma (83). Ha no jardim 75 espécies (sic) de palmeiras”.

Na lista organizada por Moreira de Azevedo se encontram espécies plantadas anteriormente à reforma Glaziou. Quanto às setenta e cinco “espécies” de palmeiras, a informação deve ser posta de quarentena. Naturalmente o historiador quiz referir-se a setenta e cinco exemplares, ou specimens de palmáceas.

Devia ser aproximadamente a seguinte, a composição florística do Passeio Público na época em que foi inaugurado (1783); *Mangifera indica* (84); *Tamarindus indicus* (85); *Artocarpus integrifolium* (86); *Artocarpus incisa* (87); *Jambosa aquea* (88); *Pointiana regia* (89); *Ravenala madagascariensis* (90); *Araucaria brasiliensis* (91); *Plathymenia sp.* (92); *Cesalpina ferrea* (93); *Sapindus divaricatus* (94); *Guarêa trichilioides* (95); *Bombax aquatica* (96); *Pandanus uti-*

-
- (75) — *Haematoscydon campecheanum*.
 (76) — *Aniba parviflora*, ou alguma das espécies afins *Aniba terminalis*; *Aniba rosaeodora* ou ainda *Nectandra elaeophora* (Fam. Lauraceas).
 (77) — *Caesalpineia ferrea*.
 (78) — *Rhopala brasiliensis* ou a espécie afim *Rhopala heterophylla*. (Fam. Proteaceas).
 (79) — *Santalum album*.
 (80) — *Cairiniana excelsa*.
 (81) — *Carvalho negro*. Além das espécies mencionadas a *Rhopala rhombifolia*.
 (82) — Talvez uma sapotácea originária das Antilhas.
 (83) — *Revenala madagaçarinensis*, palmácea comum atualmente apesar de exótica. Conhecida por *Palmeira de leque*, ou *Palma do deserto*.
 (84) — *Mangueira*. — (85) *Tamarineiro*. — (86) *Jaqueira*. — (87) *Fruta pão*. — (88) *Jambo branco ou da India*. — (89) *Flamboyant*. — (90) *Palmeira de leque*. — (91) *Pinheiro*. — (92) *Vinhatico*. — (93) *Pau ferro*. — (94) *Sabão de macaco*. — (95)

lis; *Dilenia speciosa*; *Phenix sp.* (97); *Cocos romanzofiliana* (98); *Eugenia jambos* (99); *Anona sp.* (100); *Latania bourbonica*; *Cariophyllus aromaticus* (101); *Syagrus coronatus* (102); *Sterculia foetida*; *Cassia grandis*; *Pimenta officinalis* (103); *Spondias sp.* (104); *Terminalia Cattapa* (105).

Quanto às numerosas palmáceas indígenas plantadas por Mestre Valentim não me foi possível encontrar informações de qualquer espécie.

O paisagista Glaziou introduziu algumas árvores exóticas de grande porte, como *Ficus religiosus* (106); *Ficus retusa* (107) e *Ficus dolearia* (108), afóra algumas espécies arbustivas de pequeno porte com *Trichilia glabra* (109). Ainda existe uma velha *Casuarina* (110) do tempo de Glaziou. As *Spathodias* (111), foram plantadas no século XIX, mas é impossível determinar se foram introduzidas por Glaziou. Das muitas palmáceas dessa época, restam, dentre outras: *Bactris setosa* (112) e *Raphis flabelliformis*. Quanto às “palmeiras imperiais”, que em 1862 já haviam atingido grande porte, talvez se originassem do velho exemplar plantado no Real Horto, por D. João VI (113).

Carrapeteira. — (96) *Mamorana*. — (97) *Tamareira*. — (98) *Coco gerivá*. — (99) *Jambo rosa*. — (100) *Araticum*. — (101) *Cravo da Índia*. — (102) *Ouricuri*. — (103) *Pimenta do Reino*. — (104) *Cajazeiro*. — (105) *Amendoeira*. Utilisada imprópriamente na arborização de ruas. (106) *Figueira da Índia*. — (107) *Ficus benjamina*. (108) *Gameleira*. — (109) *Murta*. — (110) *Casuarina stricta*. — (111) *Spathodea campanulata*. — (112) *Tucum*.

- (113) — As primeiras sementes da palmácea conhecida por “Palmeira imperial” foram mandadas das Guianas francesas pelo General Manuel Marques, em 1810. Um dos exemplares oriundos dessas sementes foi plantado pouco depois por Dom João VI no Real Horto, nome primitivo do atual Jardim Botânico. Portanto, na época em que foi franqueado o Passeio Público ao povo (1783) ainda não haviam sido introduzidas no país as famosas “Palmeiras imperiais”. A velha palmeira plantada por Dom João VI reverenciada com o título de *Palma Mater* ainda vegeta, apesar de ter atingido à fase final de seu ciclo vegetativo. Seriam as “Palmeiras imperiais” do Passeio Público oriundas de sementes da primeira palmeira plantada no Real Horto, depois de 1810? Si assim fosse, elas eram contemporâneas das que compõem a famosa aléa do Jardim Bo-

No começo do século atual plantaram-se: *Moquileã tomentosa* (114); *Cassia grandis*; *Tipuana speciosa* (115); *Jacarandá mimosaeifolia* (116); *Cassia fistula* (117); *Cyeca revoluta* (118) e várias outras espécies, que foram morrendo, à proporção que eram plantadas. A arborisação atual é deficiente e inexpressiva. Muitas dezenas de árvores mereciam ser substituídas por outras de valor ornamental (*Ipês*, *Quaresmas*, *Sapucaias*, *Bougainvilleas*, etc.).

As árvores ornamentais introduzidas ao tempo do Prefeito Alaor Prata (119) morreram por falta de cuidados culturais.

Recentemente plantaram-se as seguintes espécies florestais, depois de realizadas as obras na área ocupada pelo Casino Beira Mar: *Caesalpina ferrea* (120); *Basyloxylon brasiliensis* (121); *Cassia javanica*; *Cairiniana excelsa* (122); *Tecoma heptaphylla* (123); *Heliocalix glaziovii* (124); *Aspidoderma Ipê* (125); *Poinsetia regia* (126); *Lucuma caimitã* (127); *Oreodoxa oleracea* (128); *Caesalpineia echinata* (129);

tânico. No curso do século XIX, isso é, a partir da segunda metade, as "palmeiras imperiais" estiveram em grande moda. Usavam-se nas casas nobres dos arrabaldes, nas fazendas, nas praças públicas. Quanto a significação da palavra "Imperial" fico na dúvida se ela se refere à expressão heráldica da espécie, ou à época histórica em que ela se impôs ao culto do povo. Centenas de magníficas "palmeiras imperiais" das velhas cidades novecentistas fluminenses e paulistas foram derubadas para que no lugar que ocupavam se plantassem gramados e arvoretas tosquiadas.

- (114) — *Oitiseiro da praia*. Utilizada de longa data na arborisação pública do Nordeste.
- (115) — Conhecida por "*Tipa*", na República Argentina.
- (116) — Bignoniacea conhecida por *Jacarandá roxo*.
- (117) — *Cassia Imperial* dos horticultores.
- (118) — *Sagú*.
- (119) — Ofertei algumas dezenas de espécies florestais indígenas como *Caesalpineia Peltophoroides* (sipipiruna), *Tibouchina stenocarpa*, (quaresma) *Tibouchina ferruginea*, *Cassia alata* (fedegoso do brejo) e *Cassia macranthera*, também chamada impropriamente *Acacia de Petropolis*.
- (120) — *Pau-ferro* (já existente). — (121) *Pau-rci*. — (122) *Jequitibá vermelho*. — (123) *Ipê roxo*. — (124) *Alecrim de Campi-*

Tecoma grandiflora (130). Na calçada fronteira ao célebre "boneco" plantaram exemplares de *Clitoria racemosa*.

A remodelação do velho parque terá certamente de ser realizada quando o serviço de arborização pública deixar de constituir uma simples secção da municipalidade, confiada a pessoas da confiança dos Prefeitos. Aliás, talvez seja demasiado tarde para se salvar o velho parque do perigo que o ameaça. Qualquer dia (e não faltarão para isso motivos de ordem urbanística) largas ruas lhe rasgarão as entranhas, e as venerandas árvores remanescentes da cobertura primitiva pagarão o tributo que as outras já pagaram à modernização da cidade.

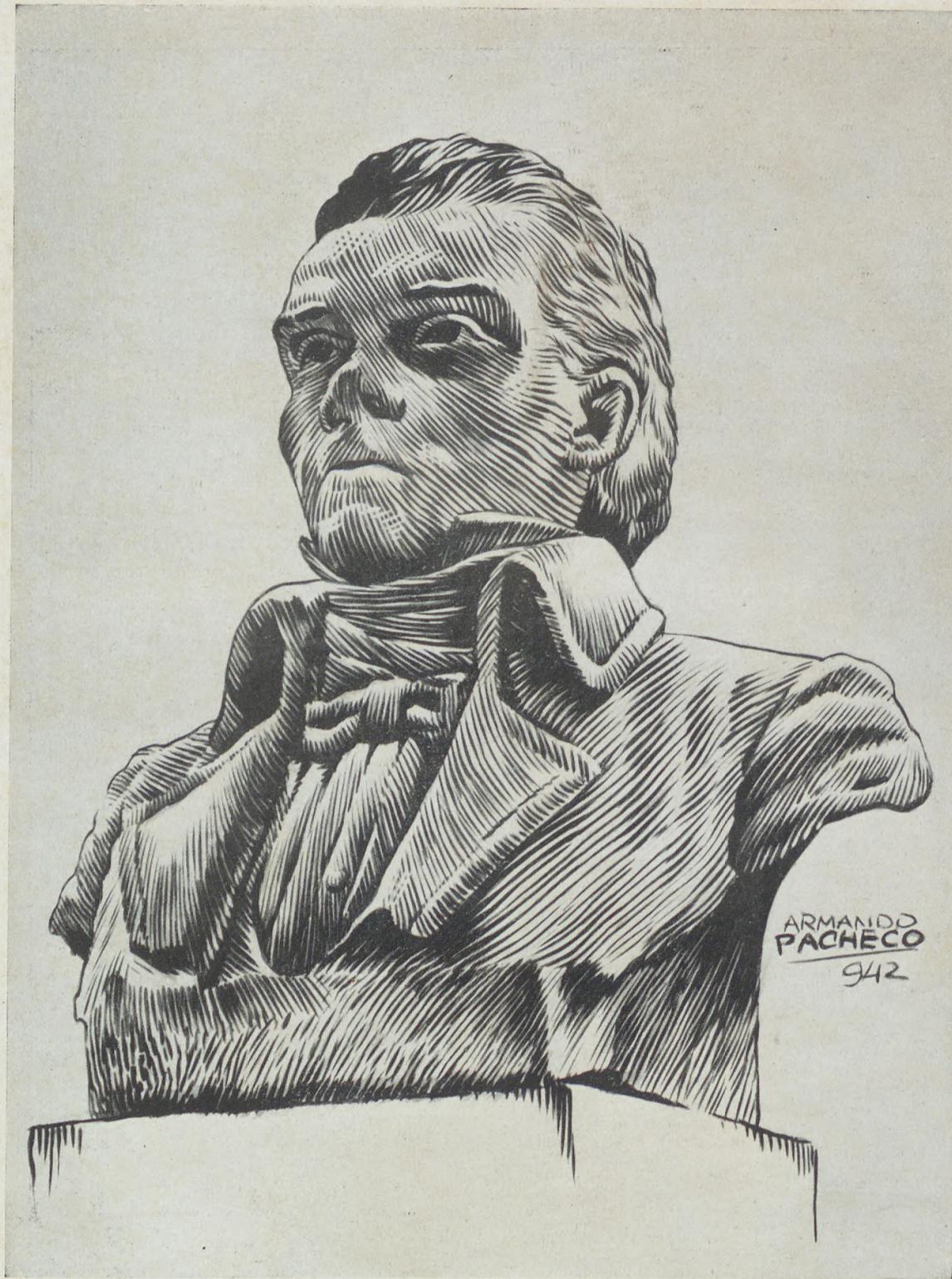
nas. — (125) *Perobeira*. — (126) *Flamboyant*. — (127) *Abio Japonês*. — (128) *Palmeira Imperial*. — (129) *Pau Brasil*.
(130) *Pau d'arco*.



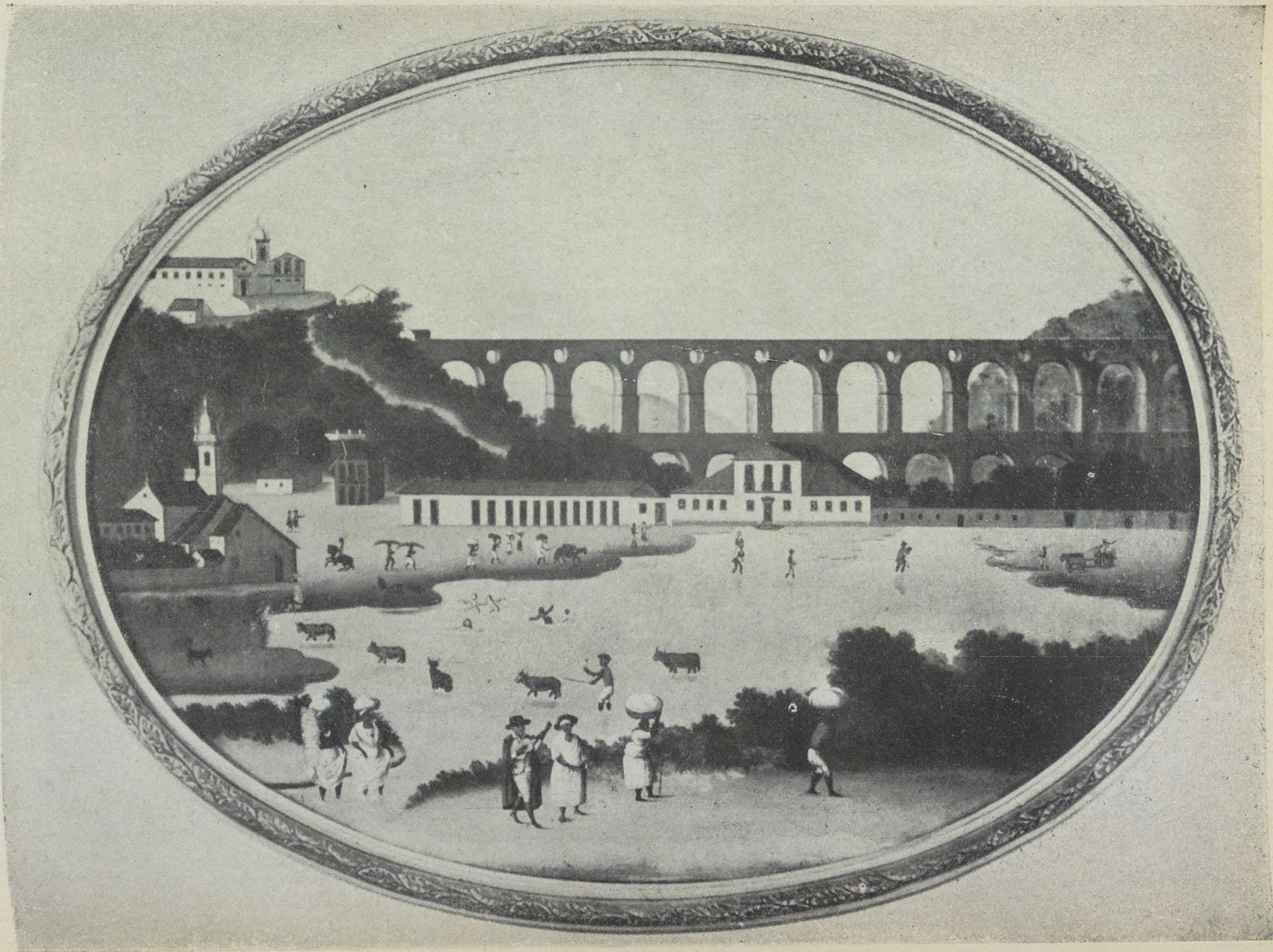
80025 75540



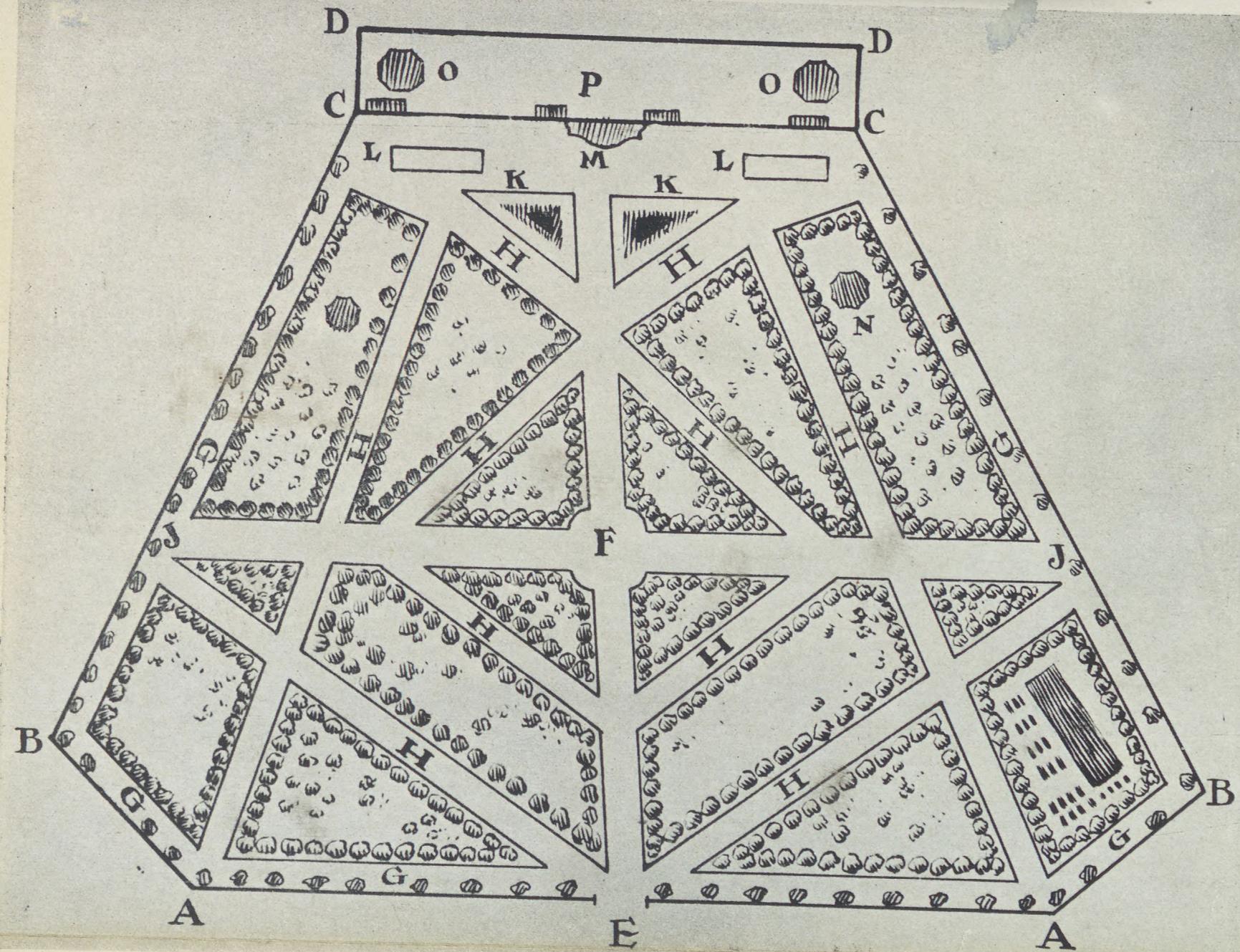
1 — Retrato do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos e Sousa. Original do pintor Leandro Joaquim. Museu Historico Nacional. Rio de Janeiro.



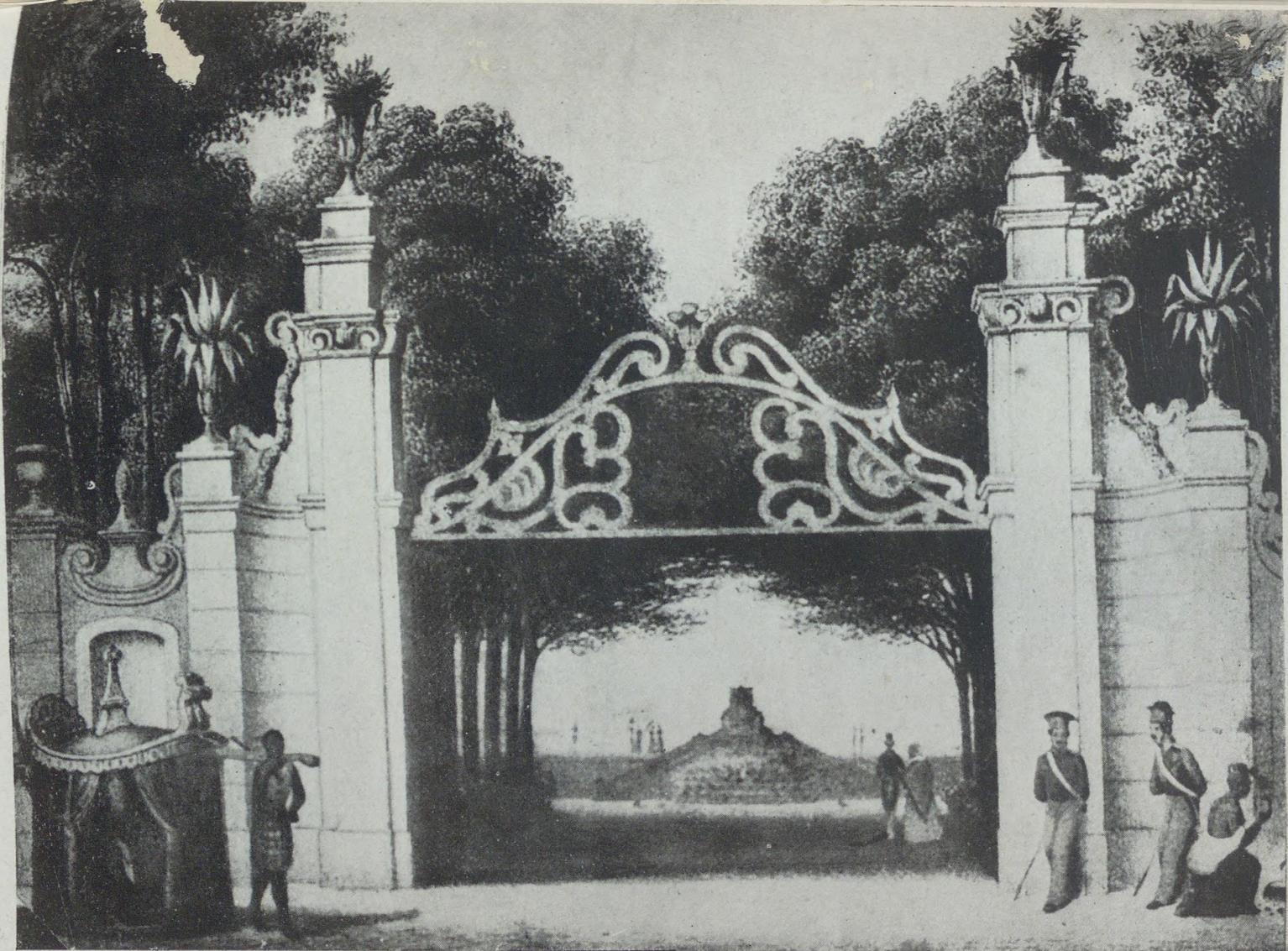
2 — Impressão do busto de Valentim da Fonseca e Silva composto por Moreira Junior. Desenho de Armando Pacheco. Passeio Público. Rio de Janeiro.



3 — A Lagôa Grande (posteriormente Boqueirão da Ajuda) aterrada por Dom Luiz de Vasconcellos. Ao fundo o Aqueduto da Carioca. Pintura anônima. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro.



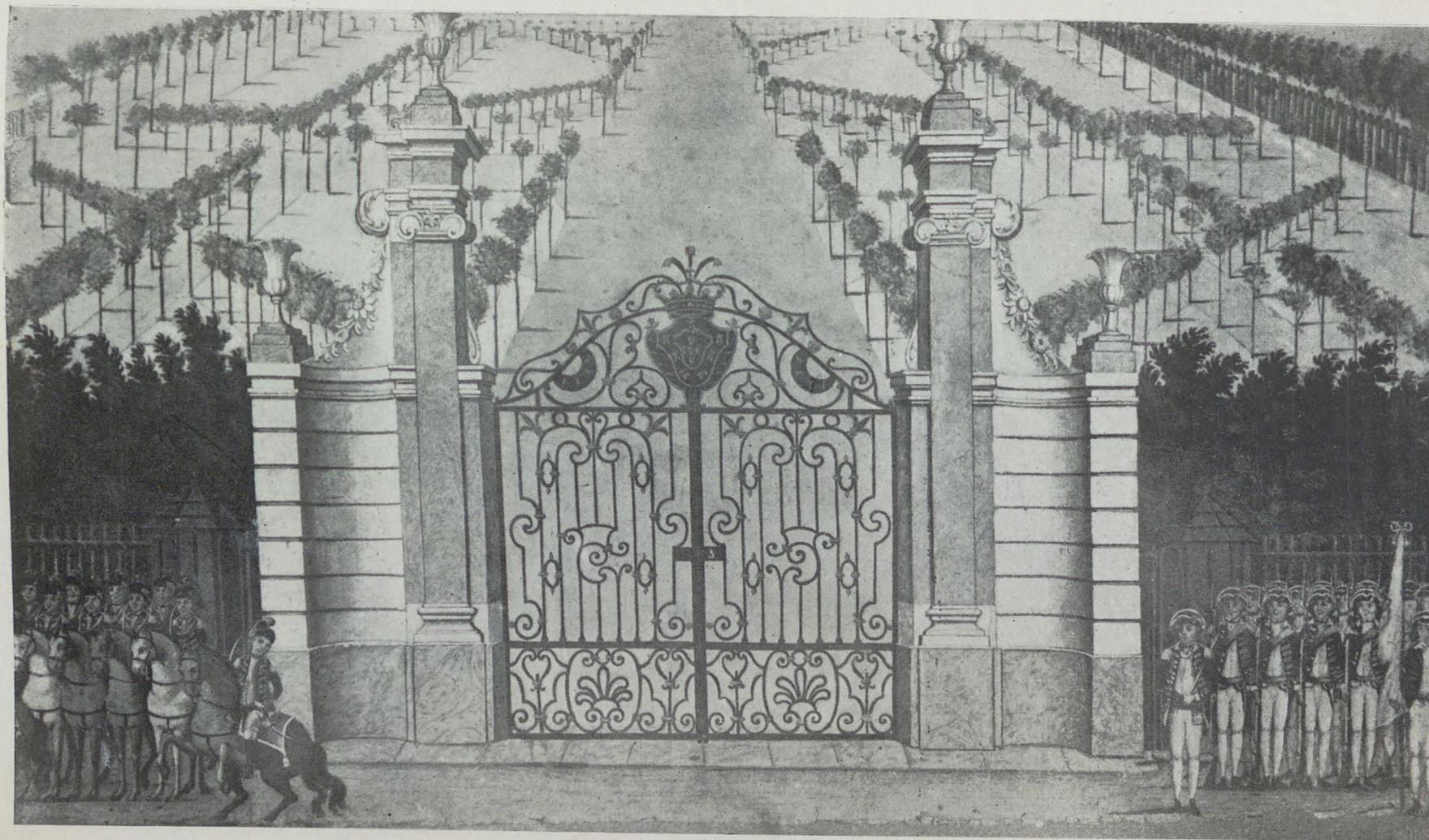
4 — Planta do Passeio por volta de 1850, segundo J. M. de Macedo. E) entrada principal no eixo da antiga rua das Marrecas; A.A.) alinhamento sobre a rua do Passeio; A.B.) chanfros nos ângulos Sul (Largo da Ajuda) e Norte (Lapa do Desterro); B.C.) alinhamentos laterais do belvédere; G.G.) aléa de palmaceas de encontro aos muros; E.F.) aléa central; F.) praça central; J.J.) aléa transversal; H.H.) aléas secundárias; L.L.) mesas de paviões protegidas por caramanchões; K.K.) piramides de granito; M.) Fonte dos Jacarés P.) belvédere; D.O.) pavilhões otogonais em substituição dos primitivos quadrangulares, arrasados em 1817; N.N.) pavilhão de Frei Leandro.



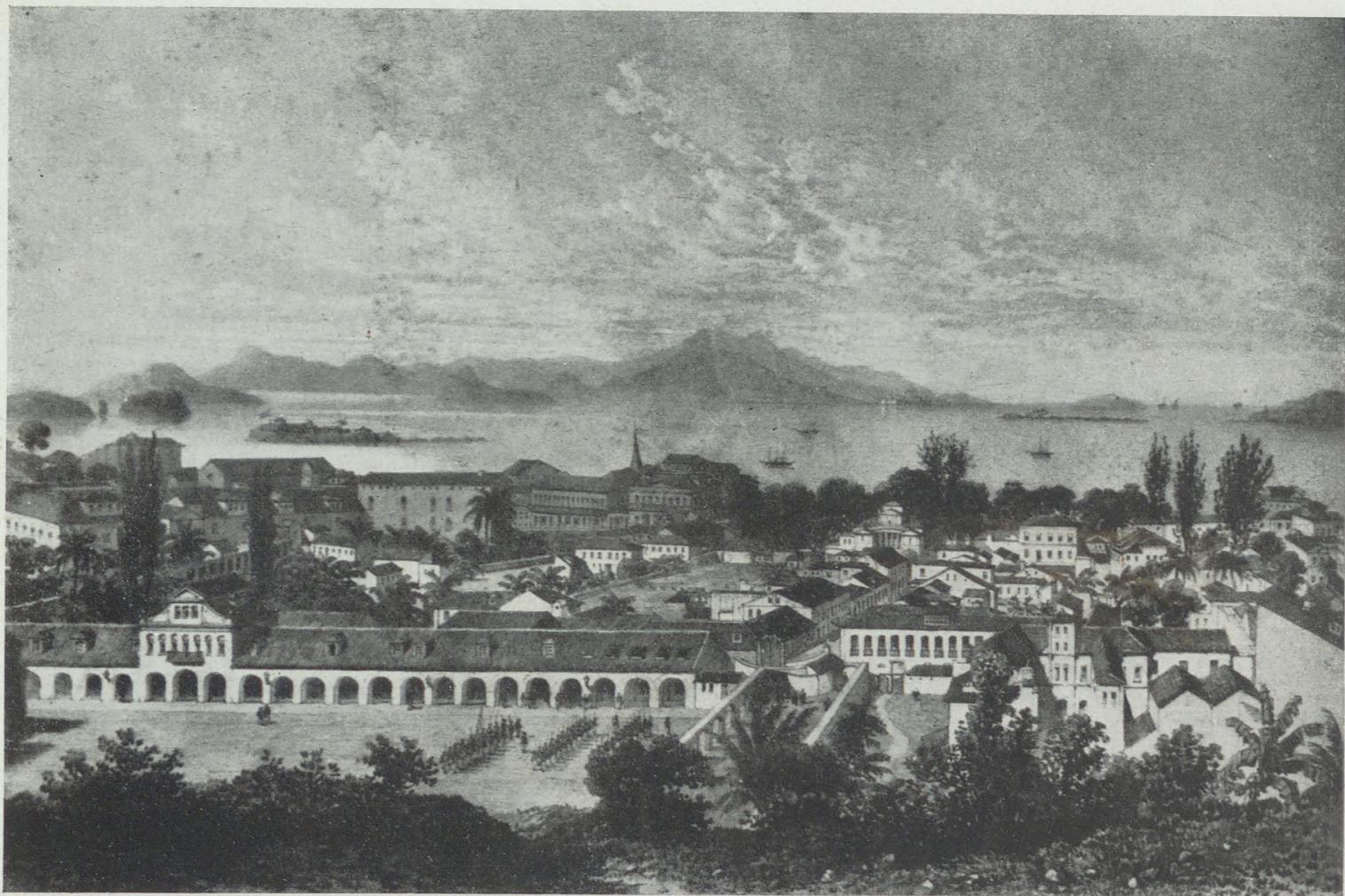
5 — O portão nobre do Passeio Público durante a Regencia (1835). O espaço vazio da “bandeira” corresponde ao medalhão original em bronze dourado com as efigies de D. Maria I e D. Pedro III; arrancado pelos jacobinos, conjuntamente o escudo com as armas do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos e Sousa que decora o espaldar da Fonte dos Jacarés. A composição não possui valor histórico, tendo sido executada com evidente fantasia. A Fonte dos Jacarés aparece ao fundo do parque com desmesurada altura, numa espécie de clareira, quando na época o parque era cortado por várias ruas de traçado geométrico. A’ esquerda do portão vê-se uma “serpentina”, e à direita, alguns granadeiros. Desenho de Wm. Theremin, litografado por Leillot. Oficinas de Druck Sachse Berlim. Galeria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.



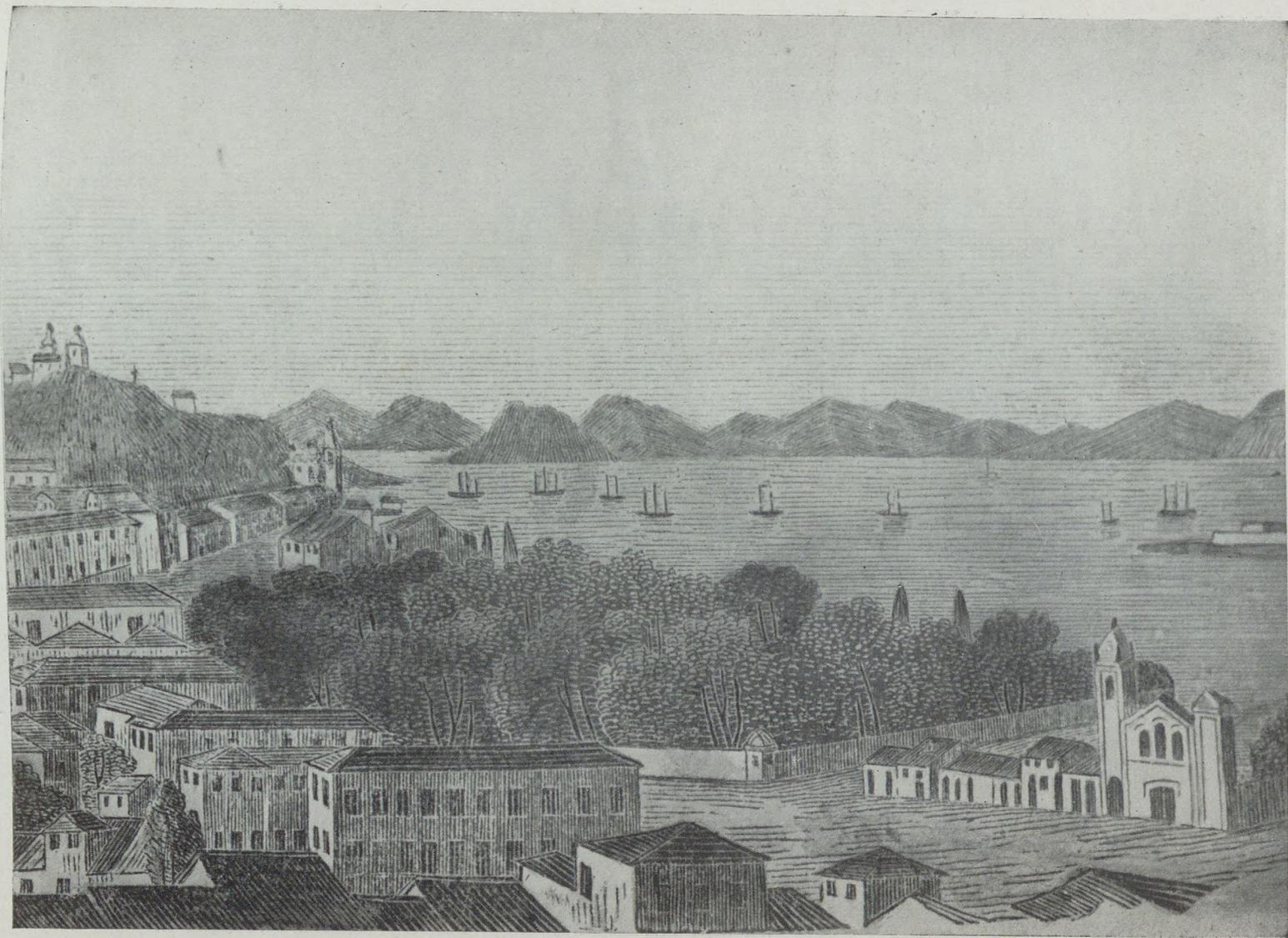
6 — A entrada do Passeio Público em 1845, com os muros de alvenaria, as portas de serviço e as reixas (janelas dos cronistas). A' esquerda o edificio onde funcionou a Maçonaria, obra de Grandjean de Montigny. Do album de L. Buvelot e Augusto Moreau, "O Rio de Janeiro Pitoresco".



7 — Composição falsa, aparecendo o Passeio Público com traçado geométrico (aliás composto de imaginação e sem os muros, que só foram suprimidos em 1862. A essa época as árvores eram frondosas e o traçado curvilíneo, delineado por A. Glaziou. Coleção Yan de Almeida Prado.



8 — Vista panorâmica do Passeio Público, tomada do Morro de Santo Antonio por volta de 1850. Do album "Panorama do Rio de Janeiro". Litografia de Ciceri e Benoist.



9 — Vista panorâmica do Passeio Público, vendo-se à direita a Igreja da Lapa do Desterro, e à esquerda o Morro do Castelo. Nos muros não figuram as rexas mencionadas pelos cronistas e desenhadas por L. Buvelot e A. Moreau. A guarita que se vê no alinhamento da Igreja da Lapa, é obra de imaginação. Xilogravura da revista "O Panorama". 1852.



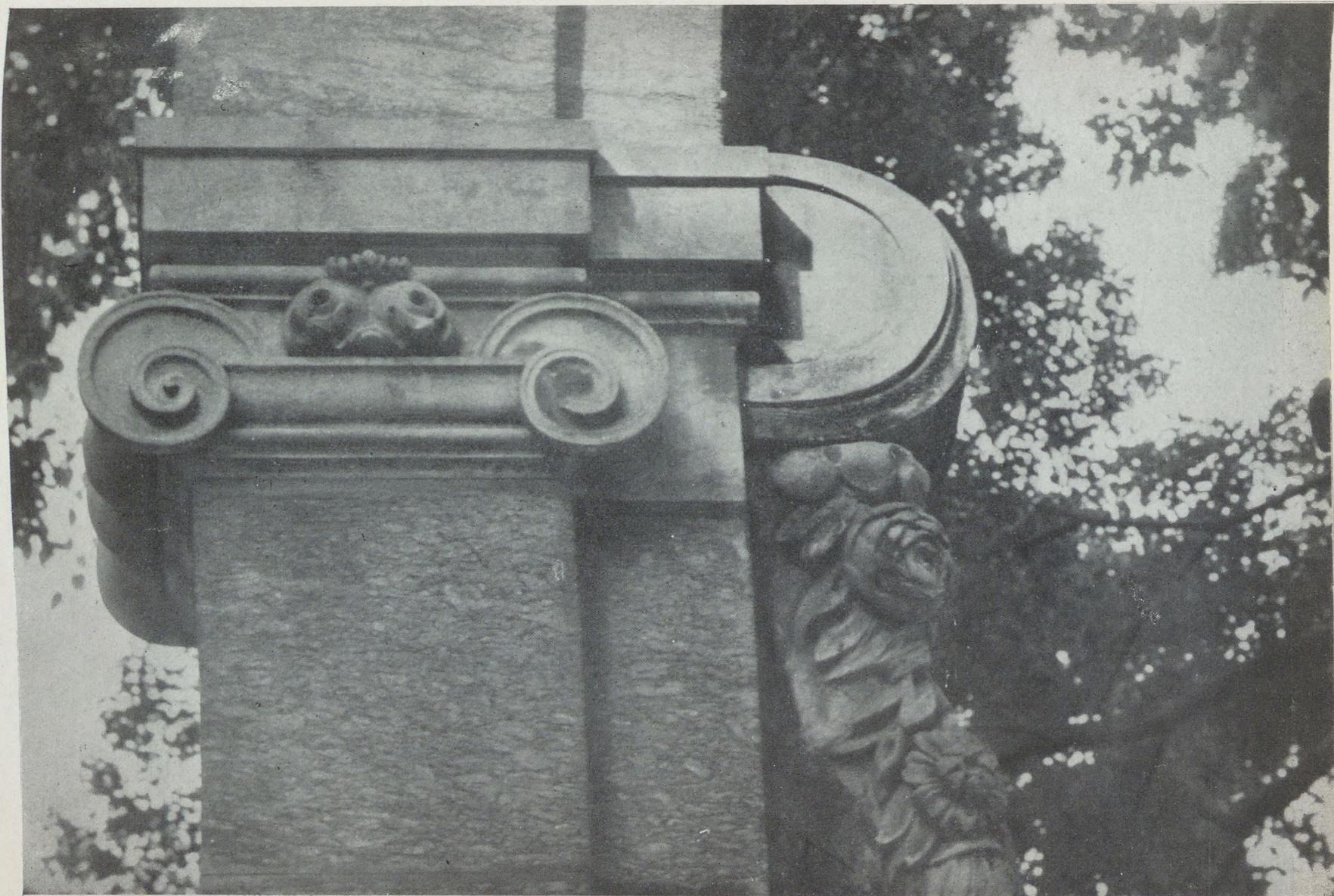
10 — O portão nobre do Passeio Público depois da reforma Glaziou (1862) vendo-se as armas da cidade em lugar do medalhão com as efigies de D. Maria I e D. Pedro III, e as armas do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos.



11 — O montante esquerdo do portão nobre, vendo-se a guirlanda de rosas e margaridas típicas da arte de Mestre Valentim.



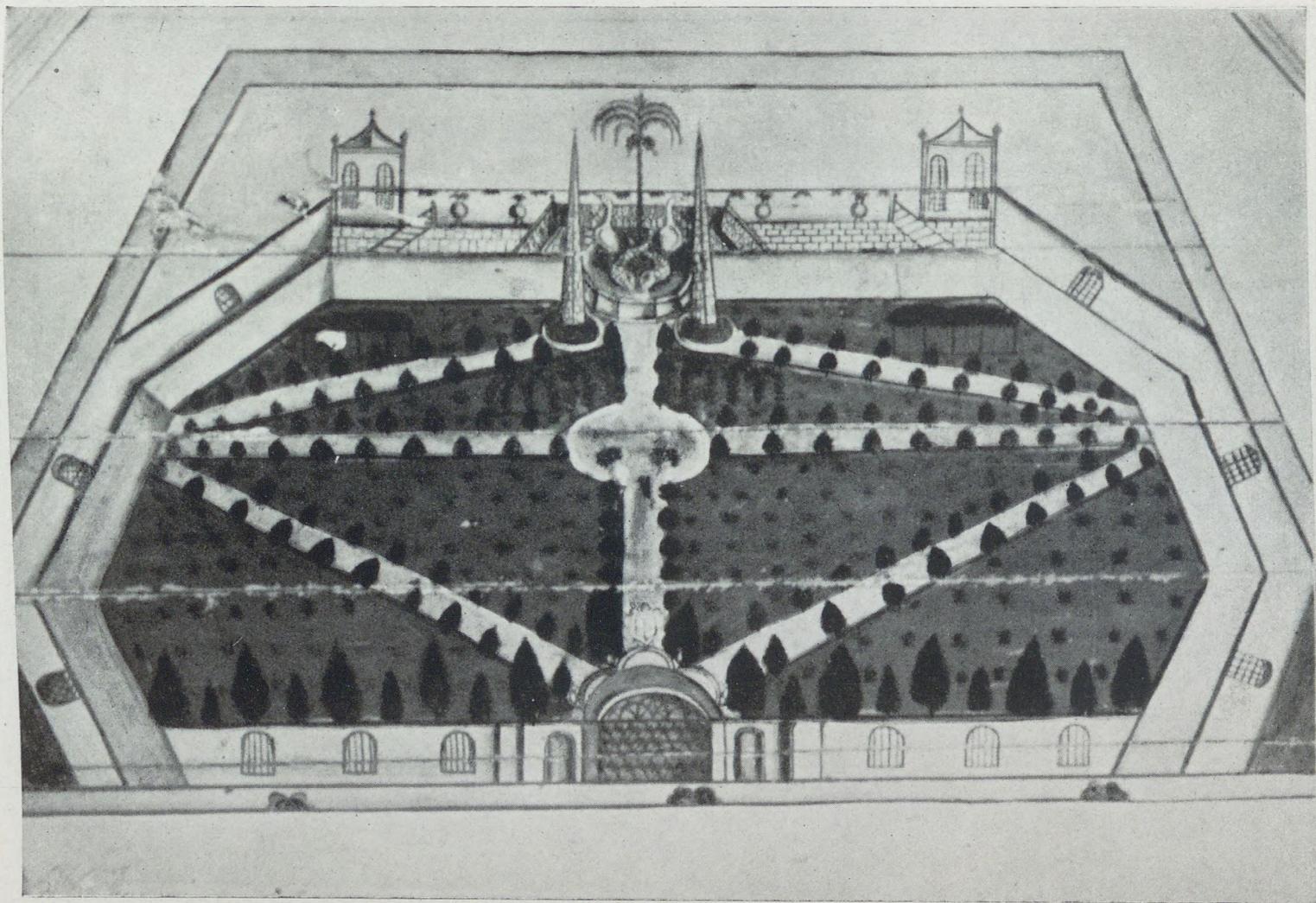
12 — Outro aspecto de um dos montantes.



13 — Capitél e parte superior da guirlanda, em mármore de Liöz.



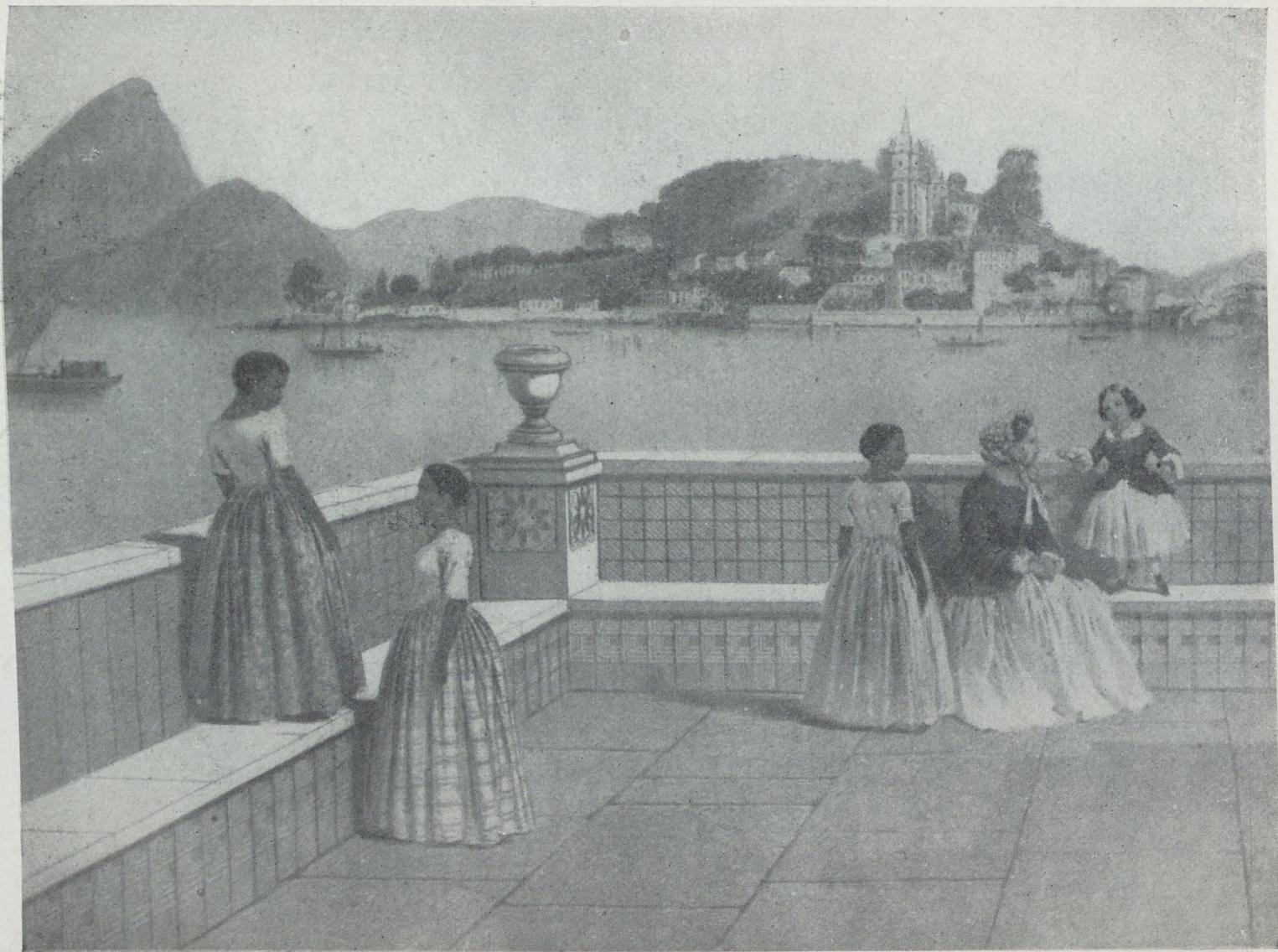
14 — Estado atual do portão removido para o interior do parque, vendo-se o medalhão com as efígies de D. Maria I e Dom Pedro III.



15 — Decoração do plafond do velho sobrado em São Sebastião (São Paulo). Composição ingenua, feita “de imaginação”. 1858.



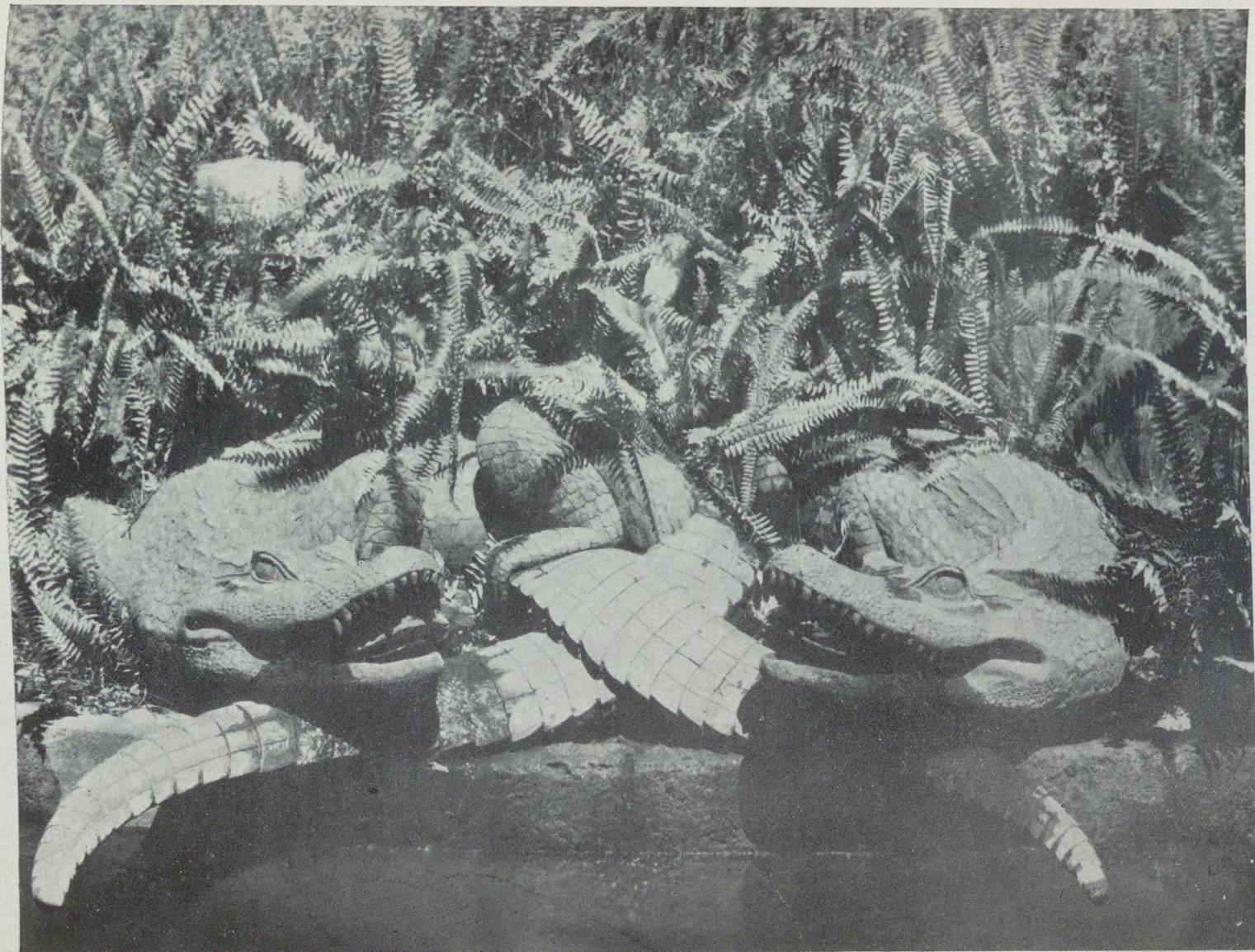
16 — Vista panorâmica do Passeio Público. Decoração de faiança inglesa. Século XIX.



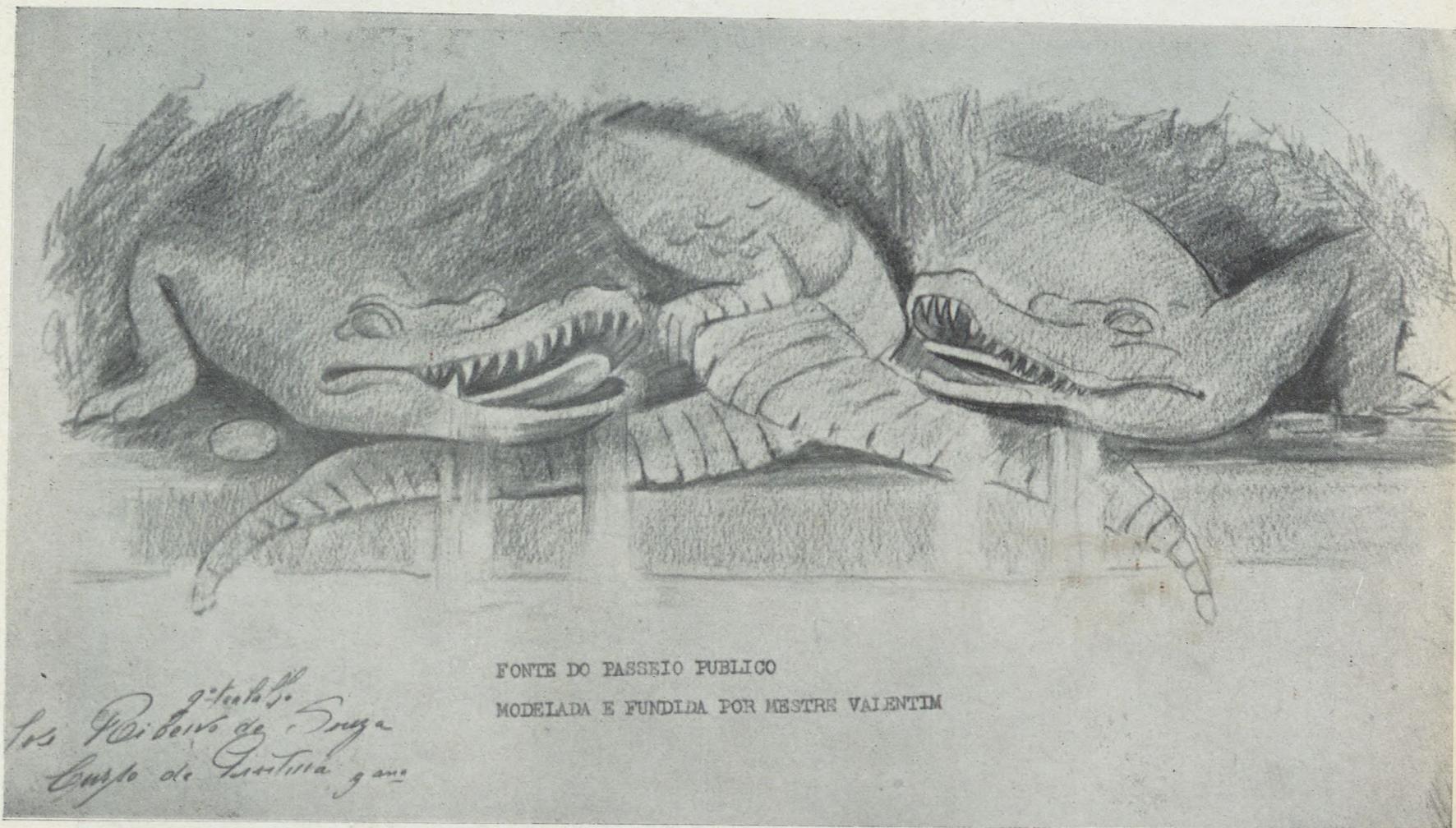
17 — O belvédere antes da reforma realizada pelo Coronel Rangel de Vasconcellos. Desenho de J. B. Debrét (1834).



18 — O belvedère antes da reforma de A. Glaziou (1862). Desenho de Desmons. Litografia de Jacottet.
Panorama da Cidade do Rio de Janeiro (1850).



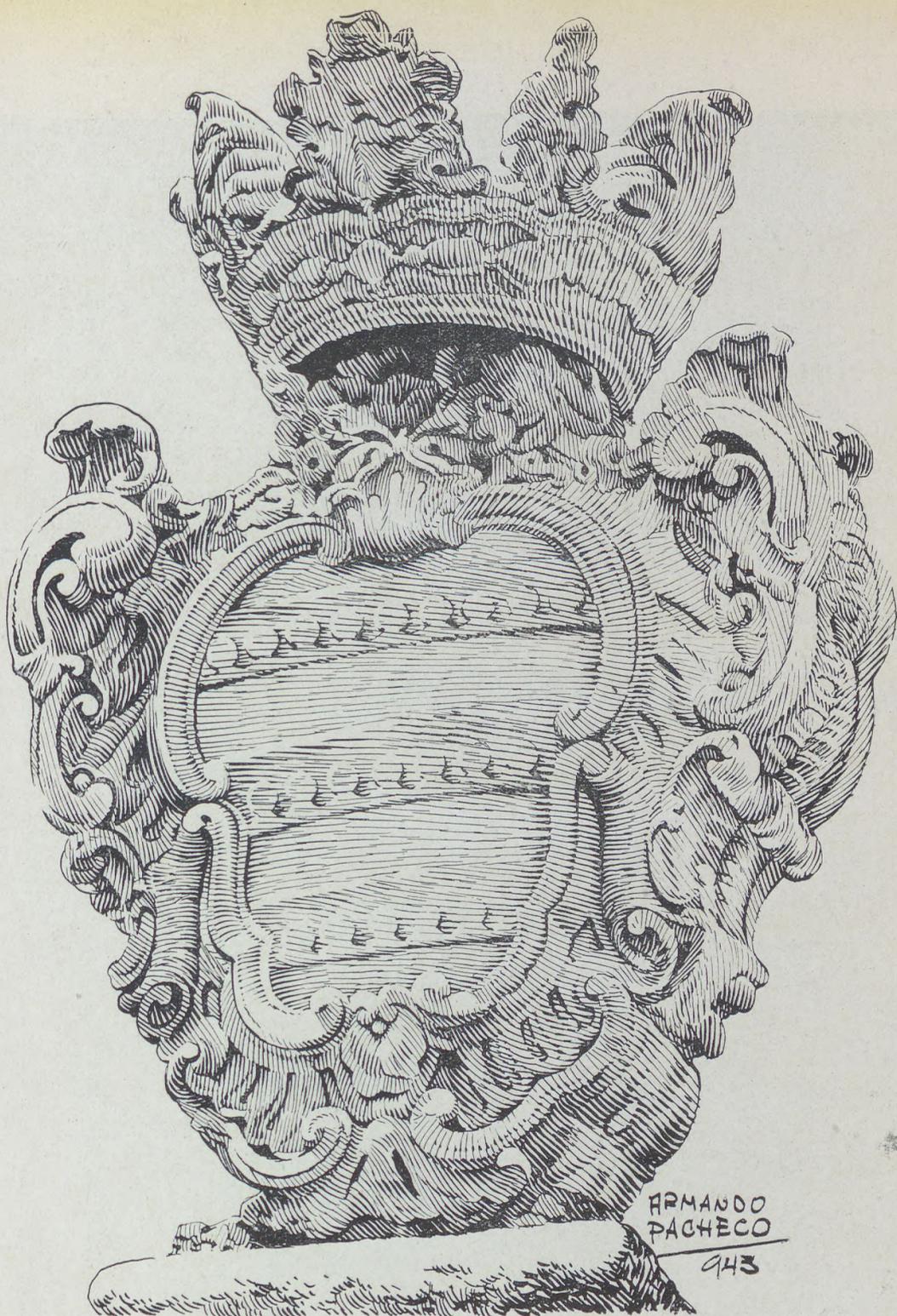
19 — A original composição escultórica conhecida por “Fonte dos Jacarés”. Há longos anos foi desviada a água que jorrava das fauces dos saurios. Estado atual.



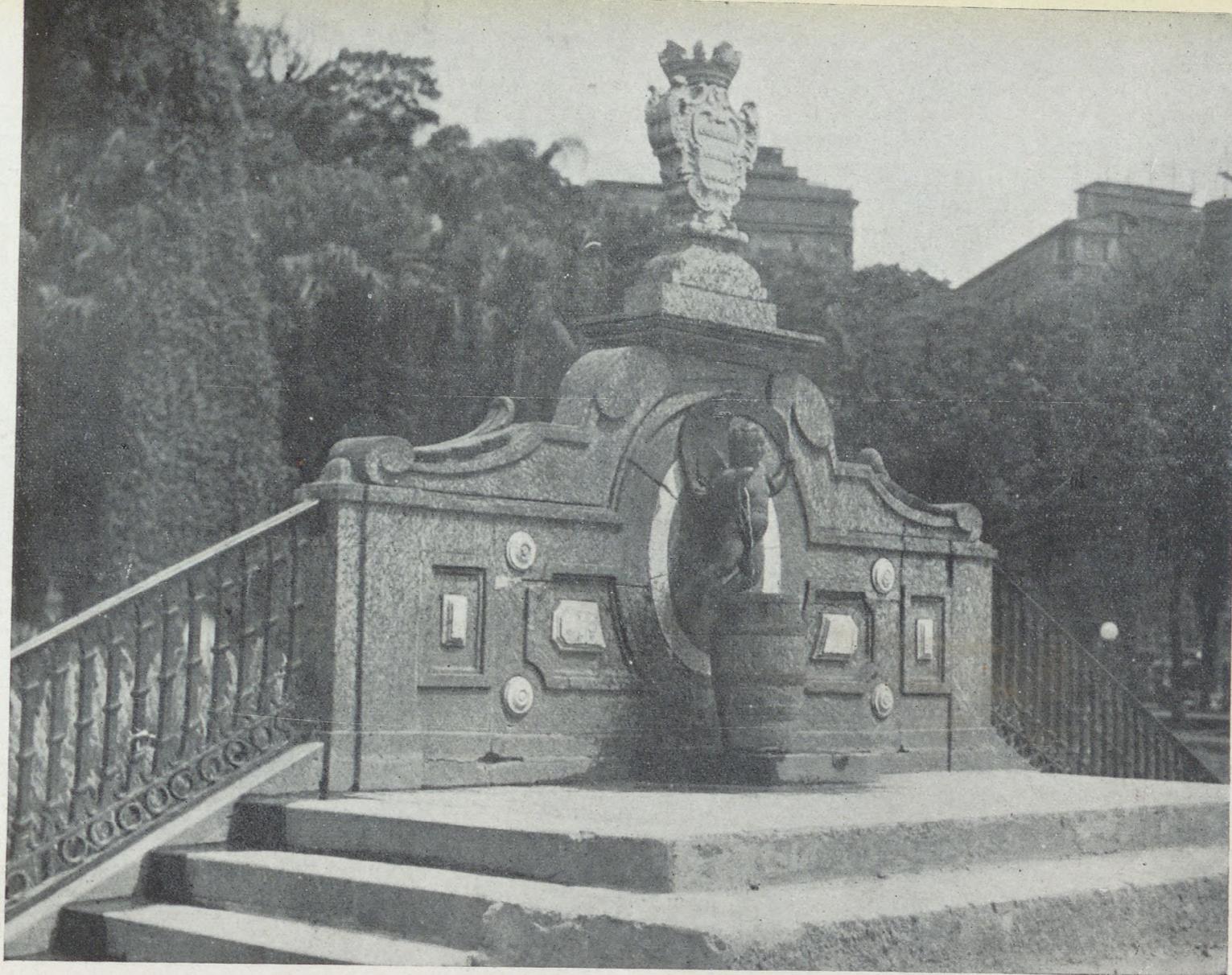
FONTE DO PASSEIO PUBLICO

MODELADA E FUNDIDA POR MESTRE VALENTIM

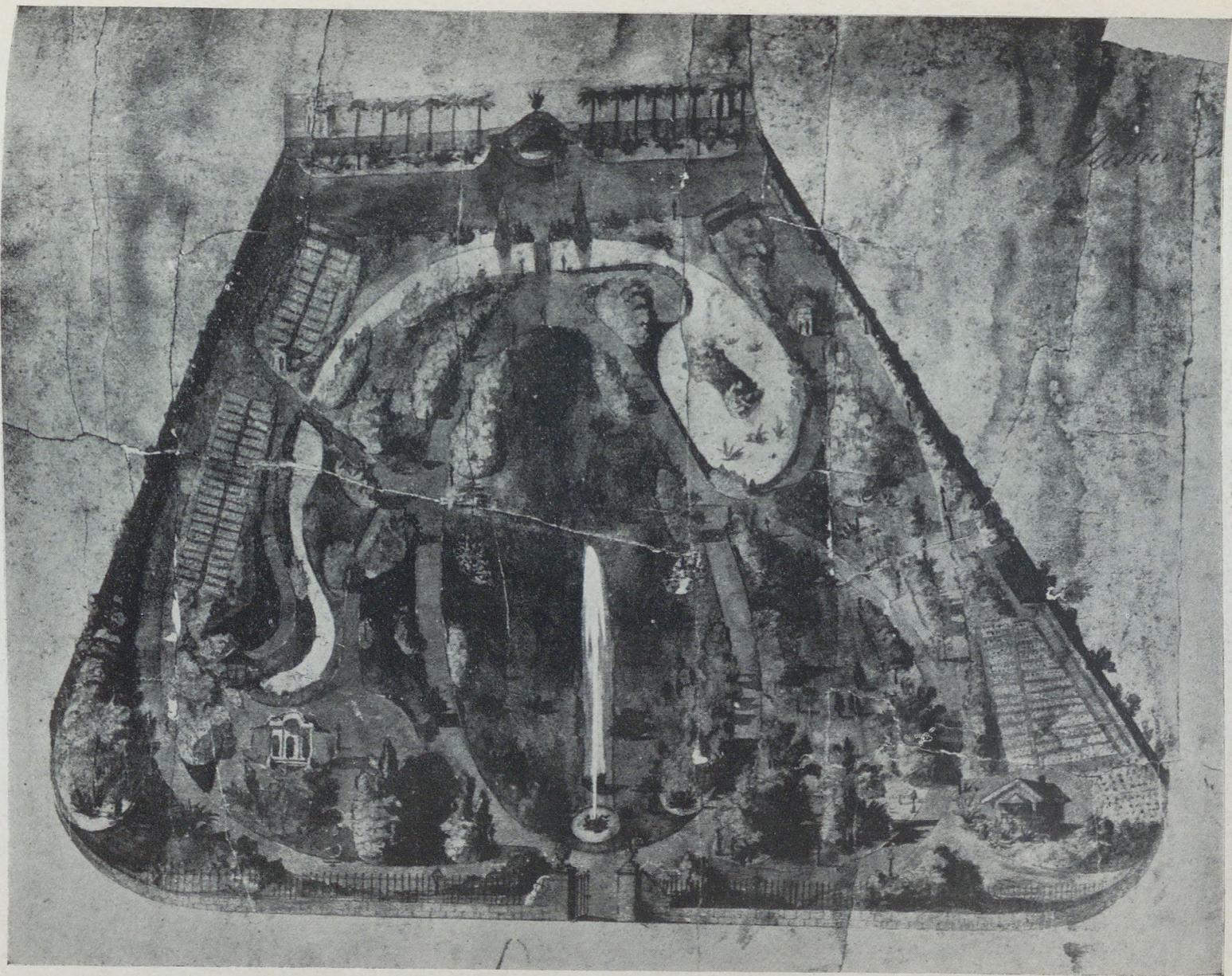
g. teub. 1900
Los Ribeirões de Souza
Curso de Escultura



21 — O opulento escudo em pedra de Lióz com as armas do Vice-Rey Dom Luiz de Vasconcellos, igual ao que rematava a piramide do Chafariz da Praça do Carmo. Retirado do espaldar da Fonte dos Jacarés em 1831, foi reposto no lugar pelo Intendente Rangel de Vasconcellos em 1841. Desenho do natural por Armando Pacheco.



22 — Face externa do espaldar da fonte dos jacarés, rematado pelo escudo com as armas de Dom Luiz de Vasconcellos, em mármore de Lióz. Ao centro o grotêsco boneco de chumbo, com asas de borboleta, que substituiu em 1841 o primitivo anjinho de mármore composto por Mestre Valentim. O boneco de chumbo tem aproximadamente o dobro do tamanho da escultura original. A última secção do barril, e bem assim o degráu de granito foram compostos em 1841.



23 — Planta do Passeio Público depois da reforma radical realizada por Glaziou (1862). No primeiro plano, à borda da *pelouse* central, vê-se o “esguicho de 20 palmos” emergindo de um tufo de folhagens artificiais. A’ esquerda, em frente aos bancos de pedra fingida que ainda existem, havia um pavilhão. Ao fundo veem-se quatorze “palmeiras imperiais”. As quatro palmeiras que restavam foram derrubadas em 1922 pelo Prefeito Carlos Sampaio.



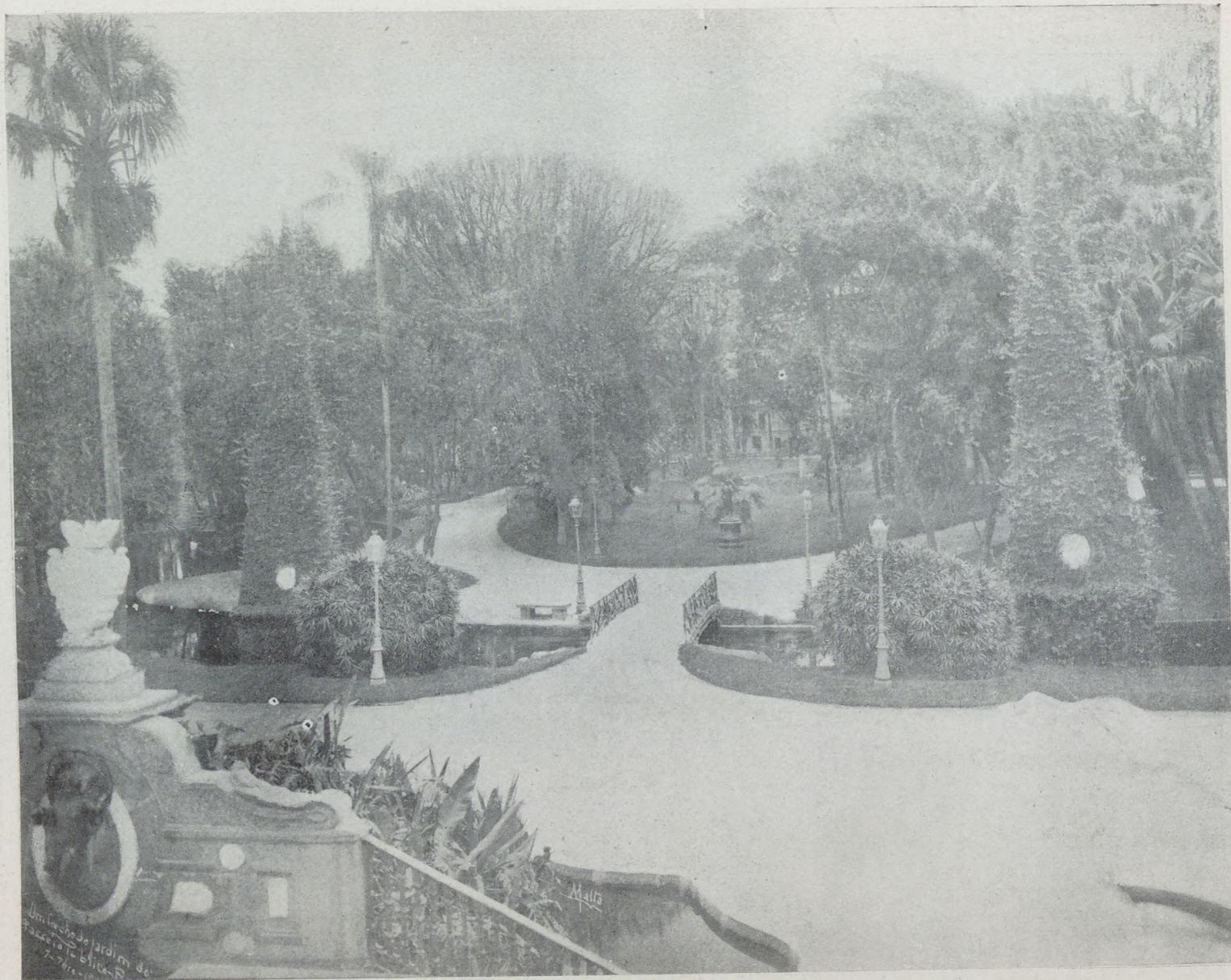
24 — Graciosa elevação com bancos de pedra “fingida”. No espaço fronteiro aos bancos existiu um pavilhão. Estado atual.



25 — A pequena gruta formada pelo espaldar dos bancos, onde termina a extremidade norte do canal, cuja água imunda demonstra o abandono do velho parque. Estado atual.



26 — Portão central dando acesso ao belvedère depois da reforma Glaziou.



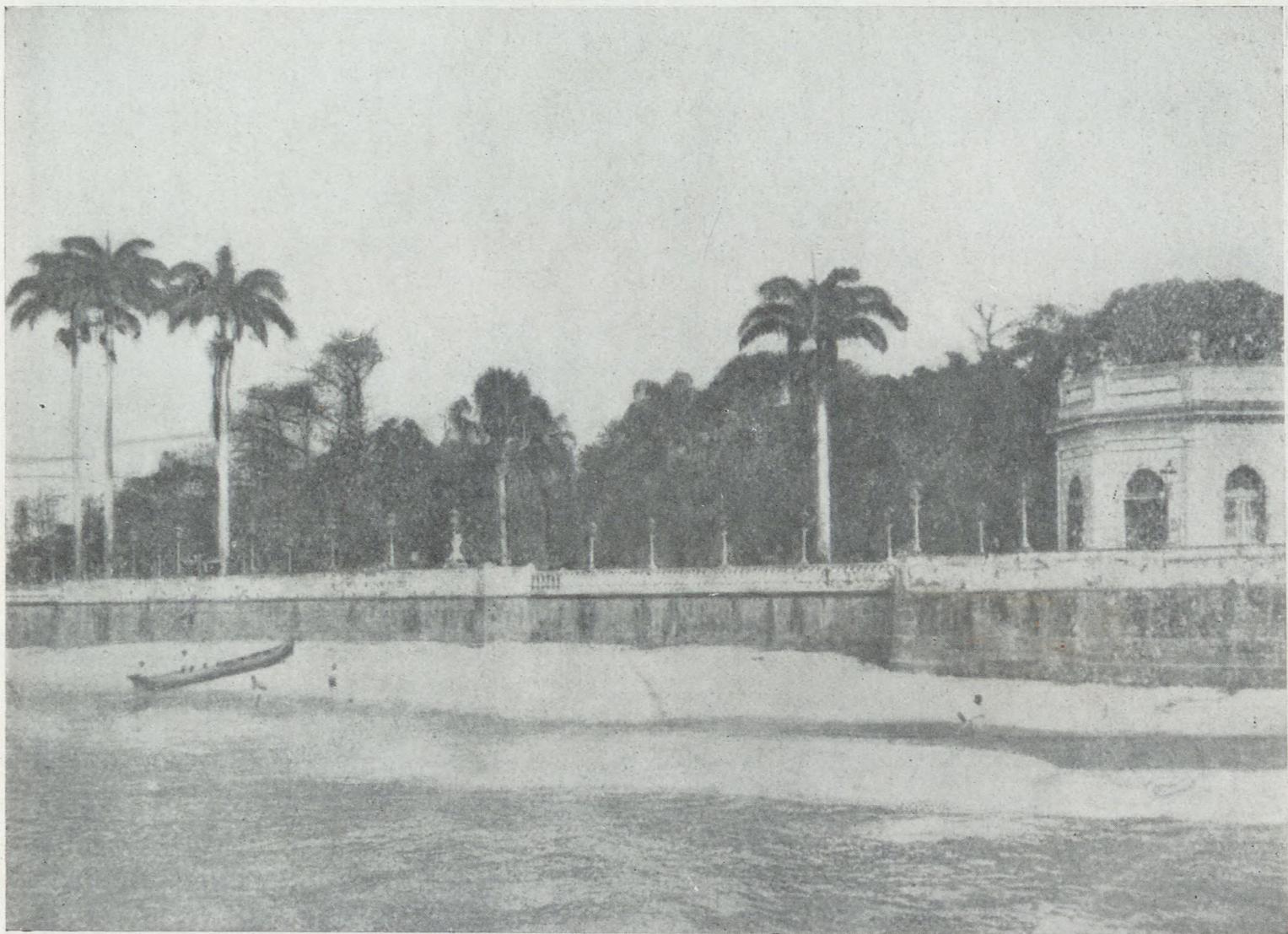
27 — Interior do parque em começo do século XX. As pirâmides já estavam dominadas pela hera.



28 — Fonte de cimento construída sob a administração Julio Furtado, no centro da *pelouse* do parque.



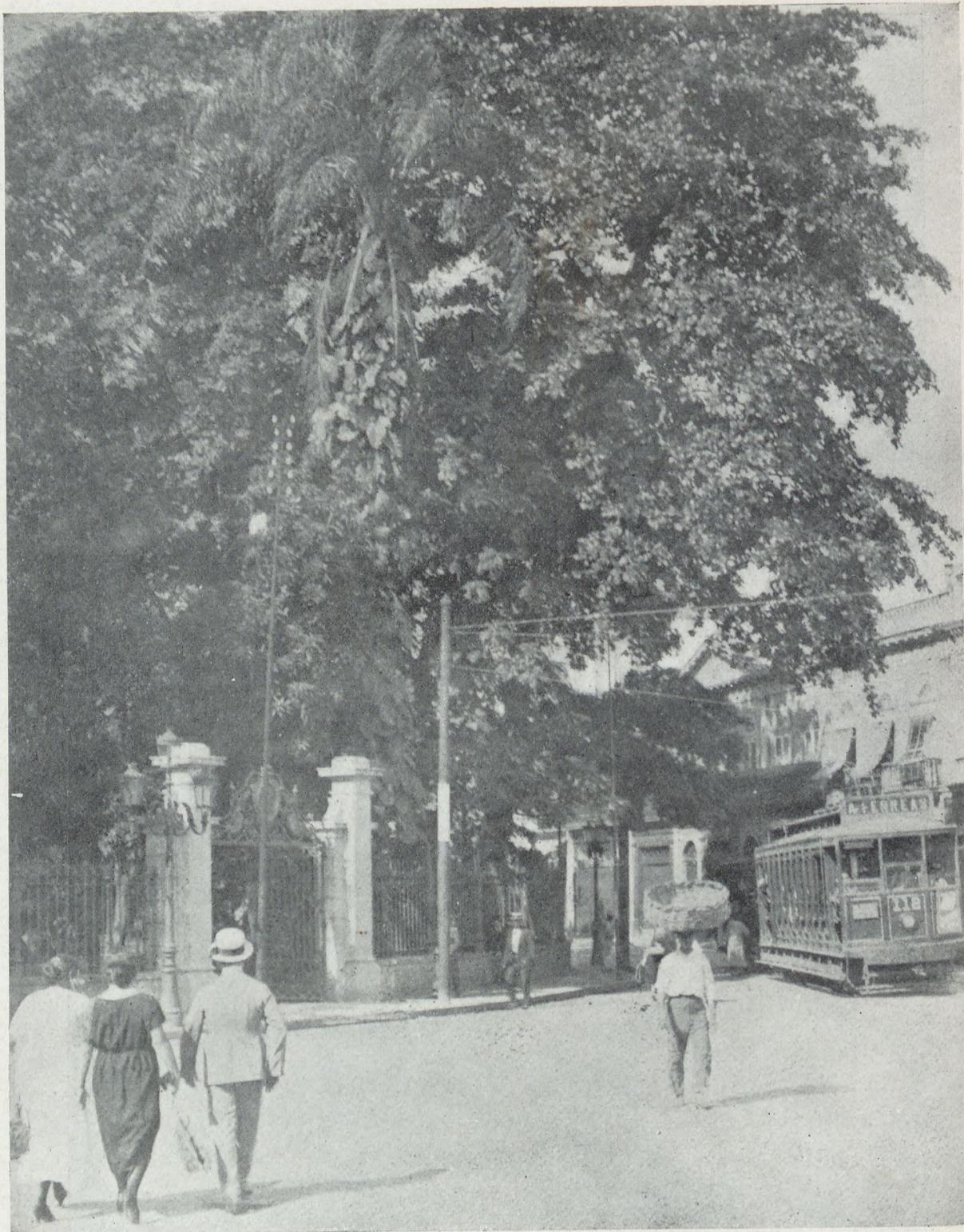
29 — Um dos portões secundários, dando acesso ao belvedére.
Século XIX.



30 — O cais do belvédere antes da abertura da Avenida Beira-Mar. 1899



31 — Portão suplementar sobre o Largo da Lapa



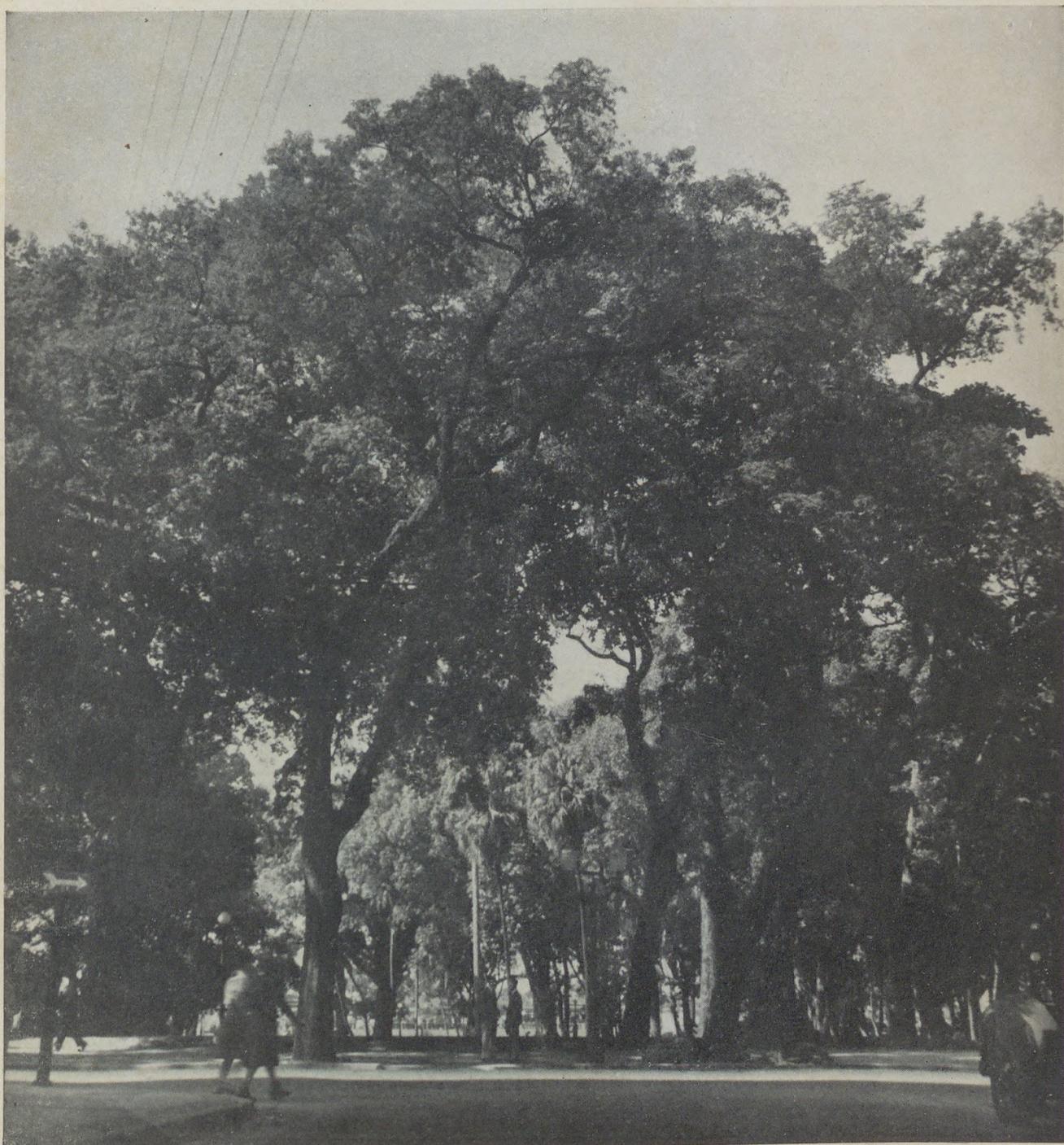
32 — Portão suplementar sobre a rua Senador Dantas



33 — O célebre belvedère depois da abertura da Avenida Beira-Mar



34 — O abominavel Casino Beira-Mar que durante vinte anos emparedou o Passeio Público.



35 — Dois tamarineiros remanescentes da cobertura vegetal do tempo de Dom Luiz de Vasconcellos. Essas árvores estão colocadas no eixo da antiga rua das Marrecas. Estado atual, depois do último alargamento da rua do Passeio

Este livro deve ser devolvido na última
data carimbada

24 MAI 1960

718181

Oficina Gráfica da U. B.

Mariano Filho, José

AUTOR

O passeio público do Rio

TÍTULO de Janeiro - 1779-1783.

918.1 M333 53-625

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada

17 FEV 1936

Prove que sabe honrar os seus compromissos devolvendo com pontualidade este livro à Biblioteca Central da U. B.

Se, findo o prazo de empréstimo (2 semanas), o livro não for devolvido, será cobrada uma multa de 50 centavos por dia.

O prazo acima poderá ser prorrogado, caso a obra não esteja sendo procurada por outro leitor.



OR
91
M3